

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

VALÉRIA SCHMID QUEIROZ

**A PRODUÇÃO DE GÊNEROS DE BASE OPINATIVA E O SUJEITO  
AUTOR NO ENSINO MÉDIO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2013

VALÉRIA SCHMID QUEIROZ

**A PRODUÇÃO DE GÊNEROS DE BASE OPINATIVA E O SUJEITO  
AUTOR NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão (DACEX) e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas (DALEM) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), como requisito para a obtenção do título de Licenciada.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rossana Aparecida Finau

CURITIBA

2013



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Campus Curitiba  
Diretoria de Ensino  
Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão  
Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas  
Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês



---

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

A PRODUÇÃO DE GÊNEROS DE BASE OPINATIVA E O SUJEITO AUTOR NO  
ENSINO MÉDIO

por

VALÉRIA SCHMID QUEIROZ

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 25 de abril de 2013 às 14h como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português-Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Rossana Aparecida Finau  
Prof<sup>a</sup>. Orientadora

---

Andréia Rutiquewski Gomes  
Membro Titular

---

Luciana Pereira da Silva  
Membro Titular

\* O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do curso.

A todos os professores que me conquistaram a também querer seguir  
essa profissão.

Aos meus pais, primeiros professores da vida.

## AGRADECIMENTOS

Um Trabalho de Conclusão de Curso como este foi confeccionado por muitas mãos além do autor que a escreveu. Por isso, devo a minha gratidão a todos aqueles que, mesmo com um pequeno toque ou “empurrãozinho”, me ajudaram a levar meus objetivos à diante.

Agradeço às mãos da minha Professora Orientadora Rossana Aparecida Finau por corrigirem todo o meu trabalho, responderem meus e-mails incansáveis e me ajudarem com conselhos. Mas, especialmente, agradeço-as por me mostrarem que a arte de ensinar é encantadora e dignificante.

Agradeço às mãos da Professora Luciana Pereira da Silva e do Professor Zama Caixeta Nascentes por me emprestarem valiosos livros e por serem exemplos inspiradores para quem está começando agora a mesma carreira.

Agradeço às mãos da Professora Andréia Rutiquewski Gomes por nos acompanhar na disciplina de TCC 2 com importantes conselhos e orientações.

Agradeço ainda novamente às mãos das Professoras Luciana e Andréia a atenção e trabalho em participar da minha banca de aprovação deste TCC.

Agradeço às mãos de todos os demais docentes do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, por vezes amigas, por vezes severas, mas igualmente imprescindíveis para a minha formação.

Agradeço às mãos daqueles que me acolheram na Ernst-Abbe Fachhochschule de Jena, na Alemanha, auxiliando-me nos passos do meu intercâmbio.

Agradeço às mãos dos meus colegas da 1.<sup>a</sup> turma de Letras, que acompanharam a maior parte da minha trajetória no curso, dividindo trabalhos, momentos desesperadores, mas também festas e conquistas.

Agradeço às mãos dos colegas da 2.<sup>a</sup> turma de Letras por terem me recebido tão bem e, em tão pouco tempo, já representarem uma enorme importância para mim não só para o curso, mas para toda a vida.

Agradeço às mãos do meu namorado Michel Alves Figênio que me confortou com carinhos e abraços nos momentos mais difíceis e comemorou comigo as maiores vitórias.

Agradeço às mãos dos meus pais e irmão por me apoiarem em qualquer situação, por respeitarem as minhas escolhas e estarem sempre ao meu lado me cumprimentando pelos sucessos e me lançando a ir cada vez mais longe.

Agradeço, acima de tudo, à mão de Deus, que guia as minhas próprias mãos a fazer da minha vida Seu instrumento e Seu projeto.

*O estilo não é (...) nem o particular puro, nem o universal, mas o particular em instância de universalização e o universal que se despe para remeter a uma liberdade singular.*

(STAROBINSKI, Jean, 1970)

*Não pode haver ausência de boca nas palavras:  
nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.*

(BARROS, Manoel, 2010)

## RESUMO

QUEIROZ, Valéria Schmid. **A Produção de Gêneros de Base Opinitiva e o Sujeito Autor no Ensino Médio**. 2013. 99 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Uma questão pertinente de ser trabalhada no ensino de produções textuais é a da autoria. Isto é, é papel da escola propiciar aos alunos a propriedade de aprender a se posicionar nas situações discursivas, assumindo-se, na medida do possível, como socialmente responsável pelos seus próprios enunciados. Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar a constituição do sujeito autor na produção de gêneros de base opinativa em textos de alunos das séries finais do Ensino Médio, buscando perceber como o aluno expressa (ou deixa de expressar) sua subjetividade nas suas produções textuais. Para isso, investigamos propostas teóricas sobre a constituição identitária por meio da linguagem e avaliamos se o jovem do Ensino Médio consegue se valer da organização linguística para se posicionar como sujeito ideológico no momento da sua produção discursiva. Para tanto, utilizamos como fundamentação teórica, especialmente, Bakhtin ([1979] 2000), Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) e Possenti (1993), delineando a noção de estilo e autoria. O *corpus* para análise de dados foi formado por textos coletados em escolas da rede pública em duas fases, sendo que a primeira foi a partir de uma atividade livre da professora da turma e a segunda a partir de uma sequência didática aplicada pelo pesquisador. Os resultados apontam, em sua maioria, para um sujeito com alguma consciência de gênero discursivo, porém, ainda incipiente e pouco aparente.

**Palavras-chave:** Linguística e Ensino. Discurso. Subjetividade. Gênero Discursivo. Produção Textual.

## ABSTRACT

QUEIROZ, Valéria Schmid. **The opinative genres production and the subject-author in High School**. 2013. 99 pages. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português-Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

A pertinent question regarding teaching writing is the authorship. In other words, providing students the property of learning to position themselves in discursive situations, assuming themselves, as far as possible, as socially responsible for their own statements is a role of the school. Therefore, this study aims to analyze the subject-author constitution in texts of opinative genres from high school students, trying to understand how the students express (or fail to express) their subjectivity in their textual productions. Therefore, theoretical proposals about the creation of identity through language are investigated and it is assessed whether the high school student can draw on linguistic organization in order to position himself/herself as an ideological subject upon his/her discursive production. For this purpose, Bakhtin ([1979] 2000), Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) and Possenti (1993) are named as theoretical foundation. The *corpus* for data analysis consists in texts collected in public schools in two steps: the first text from a free activity made by the class teacher and the second from a didactic sequence administered by the researcher. The results show, in general, a subject-author with some awareness of discursive genre, but still inchoate and somewhat evident.

**Keywords:** Language and Education. Discourse. Subjectivity. Discursive Genre. Textual Production.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 ESTILO, AUTORIA E GÊNERO DISCURSIVO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE</b> .....	12
2.1 O ESTILO NA AUTORIA.....	22
2.2 O ESTILO NOS GÊNEROS DO DISCURSO .....	26
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	30
<b>4 O SUJEITO AUTOR NOS TEXTOS DE BASE OPINATIVA</b> .....	37
4.1 A SUBJETIVIDADE E O ESTILO NAS CATEGORIAS FORMAIS .....	37
4.1.1 A Voz do Outro e a Tomada de Posição .....	37
4.1.2 Recursos Linguísticos.....	44
4.1.3 Tipos de Argumentos .....	53
4.1.4 A Presença da Tese.....	60
4.2 A QUESTÃO DO GÊNERO E A INTERFERÊNCIA DA MODELIZAÇÃO.....	62
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	67
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	69
<b>APÊNDICES</b> .....	71
APÊNDICE A – Material produzido para a aplicação da sequência didática.....	71
<b>ANEXOS</b> .....	75
ANEXO A – Entrevista utilizada como texto base para a sequência didática .....	75
ANEXO B –Artigo de opinião utilizado como texto base para a sequência didática .....	76
ANEXO C – Textos dos alunos da Escola A .....	77
ANEXO D – Textos dos alunos da Escola B .....	91

## 1 INTRODUÇÃO

Todas as formas de interação linguística são constituídas por discursos, os quais se concretizam por meio de gêneros, sendo os textos suas materializações individuais. Podendo ser verbal, não-verbal ou multimodal, o texto, nas percepções atuais, assume função comunicativa e é configurado como uma unidade constitutiva de sentido.

Trabalhando especificamente com textos escolares, objetivamos, nesta pesquisa, investigar propostas teóricas sobre a constituição identitária por meio da linguagem, verificar quais são e como poderiam se organizar os indícios de autoria nas produções dos alunos e avaliar se o jovem do Ensino Médio consegue se valer da organização linguística para se posicionar como sujeito ideológico no momento de sua produção discursiva.

De acordo com Koch (2004), em uma concepção interacional da língua – a qual, segundo a autora, vê os sujeitos como “atores/construtores sociais” (KOCH, 2004, p.32) –, o texto é entendido como “o próprio *lugar* da interação, e o interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2004, p.33).

Nessa mesma perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) e suas orientações complementares (PCN+) apontam o texto como “um todo significativo e articulado” (PCNEM e PCN+, 2002, p.60), através do qual se dão processos de interação social e se materializam as condições de autoria de seu produtor (PCNEM e PCN+, 2002, p.58). O texto escrito, em especial, é apontado pelo documento como foco principal de estudo do Ensino Médio, de forma a “oferecer aos estudantes oportunidades de uma compreensão mais aguçada dos mecanismos que regulam nossa língua” (PCNEM e PCN+, 2002, p.55), uma vez que o ensino fundamental deveria ter já lidado com os mecanismos básicos de funcionamento do idioma.

Dentre os conceitos e competências apontados pelos currículos como pontos a serem desenvolvidos, além da habilidade textual, também é enfatizado o protagonismo, que seria a capacidade do aluno tornar-se sujeito da própria aprendizagem, construindo seu conhecimento e posicionando-se com autonomia como produtor de seus discursos (orais ou escritos).

No entanto, se o aluno concluinte de Ensino Médio assume tal posicionamento autoral dentro de suas produções escolares ainda é uma questão dúbia e merecedora de atenção, embora muitos professores e senso comum em geral apontem para a existência de certa dificuldade dos estudantes colocarem-se como sujeitos autores de seus textos.

Afinal, embora os PCNs e OCNs (Orientações Curriculares Nacionais) enfatizem o trabalho com o texto escrito no Ensino Médio e ressaltem essa importância do indivíduo saber posicionar-se, especialmente, em textos com intuito de argumentação, esse aspecto textual pode constituir uma dificuldade tanto para docentes como para discentes, pois, muitas vezes, o aluno pode não se sentir seguro de suas opiniões e preferir repetir discursos que não sejam dele, mas cuja veracidade ele acredita estar garantida. E nessa problemática encontra-se um dos grandes desafios dos professores no trabalho com a produção textual e na posterior avaliação, visto que não é uma tarefa fácil levar o aluno a perceber tal problema e buscar a construção de sua identidade como autor do texto.

Portanto, entendemos como sendo imprescindível buscar compreender como os alunos se apropriam dos mecanismos discursivos e textuais que os vão legitimar como sujeitos autores. E, por esse motivo, a identificação e investigação das marcas de subjetividade aparentes nos textos dos alunos têm aplicação não apenas relativa aos estudos na área de análise linguística, mas também diretamente no ensino de língua, pois podem dar subsídios ao professor em sala de aula no momento da orientação dos alunos para as produções textuais e possíveis reescritas. Além disso, colaboram também com um dos principais papéis da educação, o qual envolve o desenvolvimento de indivíduos cidadãos e sujeitos críticos, capazes de dar voz própria aos seus enunciados e articularem seus discursos na sociedade. Afinal, assumir-se como autor é ter o controle dos mecanismos da linguagem para que se saiba representar, por meio de seus textos, sua identidade subjetiva na ordem social na qual se insere.

Diante disso, no capítulo 2, desenvolvemos a base teórica do nosso trabalho. Ao nos depararmos com conceitos propostos por uma das vertentes da Análise do Discurso, a qual aponta para a morte do sujeito, considerando-o completamente assujeitado e incapaz de expressar sua subjetividade, trazemos, contrário a essa perspectiva, especialmente as reflexões de Possenti (1993), o qual propõe uma outra leitura, criticando a forte marca do estruturalismo que ainda fundamenta tal visão. O pesquisador enfatiza a noção de *estilo* como a possibilidade de o sujeito se individualizar em meio aos variados discursos que circulam na esfera social e pelos quais o indivíduo ainda é composto. No mesmo caminho, ele acrescenta novas vertentes que irão trabalhar com a noção de *autoria*, buscando encontrar, nos textos, as marcas que caracterizam a subjetividade dos seus autores.

Essa última perspectiva vai ao encontro da teoria bakhtiniana, também discutida no mesmo capítulo, que, embora considere o sujeito como polissêmico – constituído por vários discursos –, assume a possibilidade de esse indivíduo externar sua individualidade a partir de

seus enunciados próprios. Isto é, não somente refletir a realidade do signo, mas também refratar segundo pontos de vistas particulares é justamente o que vai compor a singularidade do sujeito.

No capítulo 3, apresentamos a metodologia adotada para guiar nosso trabalho. Partindo da abordagem qualitativa, detalhamos todos os procedimentos necessários de coleta dos textos até a análise, considerando a aliança entre teoria e prática educacional. As produções textuais dos alunos foram recolhidas em duas turmas de Ensino Médio de escolas diferentes e a partir de duas fases: a primeira, por pedido da professora regente da turma sem a aplicação de método específico; a segunda, através da nossa intervenção no papel de professor, valendo-nos da sequência didática proposta por Schneuwly & Dolz (2004) para o desenvolvimento com os alunos do *gênero artigo de opinião*. Em seguida, após as investigações teóricas, procedemos à análise dos objetos de estudo.

A análise é exposta no capítulo 4. Depois de lidos e estudados todos os textos dos alunos e revisitadas as teorias, selecionamos determinadas categorias analíticas, a saber: 1) a voz do outro e a tomada de posição; 2) os recursos linguísticos; 3) os tipos de argumento, 4) a presença da tese; e 5) a questão do gênero e a interferência da modelização. Tendo-as em vista, destacamos os pontos importantes de acordo com o objetivo deste trabalho, apresentando alguns trechos das produções textuais como exemplos.

Por fim, no último capítulo, apresentamos nossas considerações finais, retomando a problemática e os objetivos inicialmente propostos e expondo os resultados e conclusões alcançadas após todos os procedimentos, isto é, a presença de um sujeito autor que, embora já apresente melhor exposição dos argumentos e trabalho com o gênero textual proposto, é ainda incipiente, especialmente em relação à articulação das marcas linguísticas e discursivas que lhes caracteriza a subjetividade.

## 2 ESTILO, AUTORIA E GÊNERO DISCURSIVO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Um dos principais conceitos a serem desenvolvidos para alcançarmos os objetivos desse trabalho é o *estilo*. Isso porque é através dele que conseguimos perceber as nuances da singularidade, isto é, os discursos são sociais, múltiplos e infinitos, mas o estilo é o que torna o sujeito individual. Por esse motivo, esse conceito será especialmente investigado e desenvolvido, sobretudo sob o prisma tratado por Bakhtin e Possenti.

Fazendo uma reflexão em torno da concepção de estilo para a Literatura, a Filosofia e a Linguística, Possenti (1993) passa por teóricos que retomam o assunto da estilística e integra impressões próprias a respeito em sua tese. Principiando pela discussão em relação à forma, o linguista localiza o discurso como essencialmente ideológico, segundo princípios da AD (Análise do Discurso). Assim, ele seria uma manifestação das posições valorativas e ideológicas de determinado grupo ou classe. Nessa visão da linguística – em contraponto à da psicanálise, segundo a qual o discurso não representa as posições ideológicas e políticas, mas a língua do inconsciente –, Possenti (1993, p.114) o designa como “uma máquina de produzir sentidos”, questionando, principalmente, como o discurso gera determinados efeitos de sentido, inclusive gramaticais.

Embora o autor não cite a linha bakhtiniana em sua tese, podemos nos remeter ao filósofo russo por ele também conceber os enunciados como fundamentalmente ideológicos. Na verdade, para Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) todos os signos têm valor ideológico e são construídos na relação entre os indivíduos dentro de determinada sociedade em processo de interação verbal. Se a organização social e demais concepções desse grupo passam por um processo de transformação, também o signo sofrerá alterações, visto que, na concepção do Círculo de Bakhtin, ele não está dentro de um conjunto de regras estáveis e imutáveis, mas variáveis e sociais.

Embora algumas linhas da área da psicologia e da filosofia procurem inserir a ideologia dentro da consciência, isto é, como se ela partisse de origem propriamente interior, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) critica essas correntes e afirma enfaticamente que essa mesma consciência só é passível de existência a partir da sua materialização em signos ideológicos. A própria compreensão de um signo dá-se por uma cadeia ideológica a partir de uma relação interindividual, a qual estabelece uma ligação entre as consciências particulares de cada indivíduo.

Levando especificamente para o campo da linguagem, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010, p.36) considera a palavra como “o fenômeno ideológico por excelência” e, portanto, defere a ela uma ênfase especial, uma vez que a trata como o signo mais puro. A certo ponto de suas considerações, ele a denomina como signo neutro, isto é, a palavra, quando fora de um contexto, é passível de receber diversos sentidos, determinando-se de acordo com a esfera na qual se encaixará o estilo empregado na sua enunciação.

Tendo em vista, portanto, a natureza ideológica do discurso e à luz das teorias da significação que levam em conta os conceitos de enunciação e contexto<sup>1</sup>, Possenti (1993) suscita o fato de a situação de produção do discurso ser necessária para uma interpretação, uma vez que os elementos sintáticos e semânticos por si só não são suficientes. No entanto, ele enfatiza ser óbvio que, apesar da tamanha importância de tais elementos extralinguísticos, *a forma do discurso* é o elemento essencial para a construção do significado.

A relevância que ele atribui à forma, contudo, não vem em detrimento do sentido, uma vez que ela contribui para a sua constituição. É por esse motivo que o pesquisador trará posteriormente a discussão sobre o estilo, o qual seria o vínculo justamente entre a forma – a materialidade do discurso – e seu conteúdo.

A forma é o veículo linguístico e é entendida como oposta ao conteúdo, que, por sua vez, é definido como “qualquer efeito de sentido que a forma, utilizada contextualmente, é capaz de produzir” (POSSENTI, 1993, p.117). Entretanto, Possenti (1993) preocupa-se em não determiná-la como apenas o significante, como em Saussure, mas enquanto “substância da expressão”<sup>2</sup>.

Da mesma maneira, a partir do questionamento da teoria saussuriana, especialmente de sua dicotomia *langue x parole*, Bakhtin/Voloschínov ([1929] 2010) formula sua noção de enunciação. A língua, para o filósofo, serve para as “necessidades enunciativas concretas” (p.95) do *locutor*, que, por sua vez, não atribui importância à forma linguística apenas pela sua propriedade de sinal estável, mas sim, a ela enquanto signo variável e flexível em uma determinada situação concreta. Da mesma maneira, o *interlocutor* compreende a forma linguística dentro de seu contexto enunciativo, pois ele só a significa em uma enunciação específica, sendo impossível compreendê-la apenas como estrutura imutável.

Assim, a enunciação é um ponto central na construção do sentido e, também, central na perspectiva bakhtiniana, que coloca como impossível o estudo da língua fora da

---

<sup>1</sup> Como exemplo, Possenti (1993) cita Pêcheux e Fuchs (1975) que veem a semântica a partir de processos históricos.

<sup>2</sup> Termo cunhado por Hjelmslev (1943 *apud* POSSENTI, 1993).

enunciação, afinal, é através dela que o *sujeito* é inserido na interação viva com as diversas vozes sociais.

Para Possenti (1993), os níveis da fonologia, morfologia, entonação e funções pragmáticas são circunscritos pela forma, mas são especialmente os níveis da sintaxe que ele destaca serem fatores constitutivos do estilo, visto que a ordem e o léxico são tão importantes quanto a informação a ser veiculada, sendo marcadores do ponto de vista do locutor. Conforme o pesquisador, dessa maneira, “não existe neutralidade de transformação ou de ordenação diversa” (POSSENTI, 1993, p.118).

Nesse mesmo sentido, no patamar das unidades maiores do que a frase, a forma estaria vinculada à organização do texto. Isto é, a maneira como são dispostos e destacados frases e parágrafos devem acordar com o tipo textual e as intenções do locutor. Por exemplo, conforme elucida Possenti (1993), textos argumentativos devem seguir determinada ordem para dar mobilidade às estratégias e argumentos a fim de se alcançar com maior destreza o objetivo de persuasão pretendido.

Já Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) vai situar a noção de estilo – sem desconsiderar o princípio da preferência do locutor por determinada ordenação dos elementos – na interação entre os sujeitos. Isto é, conforme sua reflexão, “a enunciação é o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p.116). Ou seja, a produção enunciativa só existe em um ambiente de interação social e na suposição de um interlocutor, independentemente de este ser real ou idealizado. Logo, a forma como se enuncia é variável, moldando-se de acordo com o grupo social a que o outro pertence – se de classe mais alta ou mais baixa –, a relação que existe entre eles – se mais íntima ou mais distante –, as diferenças de idade – se mais velhos ou mais jovens –, as intenções do locutor – se for, por exemplo, um recado simples, ou um pedido de desculpas, ou uma propaganda, ou um artigo de opinião<sup>3</sup>. Se não houver ao menos a hipótese de um interlocutor, faltará uma linguagem comum, um meio social comum e concreto onde poderíamos nos expressar.

Admitindo, então, essa presença do interlocutor, deparamo-nos com a afirmação de Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010, p.117) de que “toda palavra comporta *duas faces*”. Naturalmente, o filósofo não se refere à relação saussuriana entre o significado e o significante da palavra linguística, mas a sua propriedade de ser um produto da interação entre

---

<sup>3</sup> Essa questão já nos encaminha às diferentes *esferas sociais* em que circulamos e, conseqüentemente, os *gêneros discursivos*, sobre os quais comentaremos mais detalhadamente no item 2.2.

locutor e interlocutor, posto que é enunciada por alguém e se dirige para outro alguém, e, nesse movimento, o locutor se define frente ao outro ou *aos outros*.

E esse movimento de enunciação de determinado signo selecionado pelo locutor dependendo da situação social na qual se encontra é o que constitui o estilo:

Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais. A individualização estilística da enunciação de que falam os vosslerianos, constitui justamente este reflexo da inter-relação social, em cujo contexto se constrói uma determinada enunciação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010, p.117)

Temos, então, que o estilo individual não é só uma seleção entre possíveis signos linguísticos, mas se determina justamente pela interação social entre os participantes de um diálogo, uma vez que os enunciados se criam dentro da situação contextual. E por diálogo entendemos aqui, segundo os preceitos bakhtinianos, não apenas a conversa face a face, mas todo o tipo de comunicação verbal, inclusive a escrita – já que, da mesma forma, esta responde, confronta, confirma hipóteses e antecipa objeções, por exemplo.

Também galgando, portanto, da discussão da *forma* para a de *estilo*, Possenti (1993) inicia apresentando-o sob o cunho da linguagem literária, que vê a estilística como geradora de mensagens estéticas. Segundo ele, “a forma escolhida pelo escritor reforça ou redobra o sentido do que está expresso no texto” (POSSENTI, 1993, p.147), ou seja, através da preferência do autor por determinada estrutura (traços que singularizam a mensagem), ele consegue criar efeitos estéticos para enfatizar na forma o que se pretende no conteúdo.

Alterando o foco para a linguagem científica, o linguista toma, a princípio, a proposta de Granger (1974), o qual apresenta três caminhos de individualização da linguagem, isto é, de maneiras do individual se expressar, são elas: a *escolha*, a *characterologia* e a *conjuntura*.

A noção de *escolha* é tida como o traço constitutivo básico de estilo e resultado de um trabalho de construção, no qual o processo de se retratar um fenômeno em linguagem deverá ser devidamente lapidado a fim de se encontrar a estrutura julgada melhor pelo locutor em meio à pluralidade de possibilidades de representação<sup>4</sup>. Nas palavras de Possenti (1993, p.158), “se o locutor busca, dentre os possíveis, um dos efeitos que quer produzir em

---

<sup>4</sup> Não pretendemos aqui nos alongar nessa questão, mas para a nossa pesquisa, faz-se importante registrar que Granger (1974) trata o estilo como o resultado do *trabalho* dos usuários da linguagem, cujas escolhas levam à identificação do estilo, das experiências e objetivos do trabalhador. Nesse resultado do trabalho competem o papel da coletividade, que atribui à língua determinadas características dominantes e singulariza-a, e o papel do indivíduo, cujo trabalho resulta na individualização de um discurso e, muitas vezes, na individualização do próprio indivíduo. Como diz Possenti (1993, p.169) a esse respeito, “é por essa individualização como fruto do trabalho, ou, mais resumidamente, por causa do trabalho, que um indivíduo, um organismo, se torna sujeito.”

detrimento dos outros, terá que ‘trabalhar’ a língua para obter o efeito que intenta. E nisso reside o estilo. No *como* o locutor constitui seu enunciado para obter o efeito que quer obter”. Essa noção de configuração de estilo será a adotada por Possenti (1993) em sua tese e, embora pareça focalizar muito mais a forma, ao enfatizar o efeito que se quer causar, está-se direcionado justamente ao seu interlocutor, ou seja, utiliza-se determinada estrutura para causar ao outro determinado efeito. Logo, a questão do estilo constituir-se na interação entre os locutores para Bakhtin não destoa da noção tomada por Possenti.

A *caracterologia*, como concepção de estilo, foca-se no sujeito constituidor e construtor da linguagem, em características da sua personalidade e temperamento e não na linguagem em si, embora tais traços devam permear a linguagem para possibilitar o estudo estilístico.

Por sua vez, a via da *conjuntura* é a que mais transparece a individualidade, distinguindo-se pela relação do cientista com seu contexto, tempo e época. Isto é, trata-se de observar o modo como o locutor se apodera da língua de acordo com a conjuntura social e seu papel na sociedade. Afinal, nem todos interpretam a língua do mesmo modo, portanto, a maneira como se a utiliza pode levar à distinção de um ou de outro locutor.

Nesse sentido, Possenti (1993, p.163-164) diz que:

“o mesmo fato” pode ser representado de numerosas maneiras, cada uma delas com determinada relação não só com o discurso precedente e subsequente, mas com os efeitos e conseqüências diversas, mais ou menos marcados, mais ou menos relevantes, sobre os interlocutores, em especial sobre *o sujeito do discurso, que se individua, exhibe sua subjetividade, ao privilegiar determinado modo de semi-estruturação do real*, para os efeitos da situação em que fala.<sup>5</sup>

No entanto, devemos lembrar que o sujeito não é para ele uma subjetividade pura, mas um sujeito que executa tarefas. Discutindo o papel do autor e do leitor, Eco (1984) coloca o primeiro em uma posição ativa – uma vez que uma obra pode aparecer sob diversas facetas, dependendo da leitura feita –, mas, da mesma forma, faz perceptível a presença também do autor por traços como os índices referenciais, em mensagens de função referencial, por exemplo. Se considerar-se o ato de enunciação, o sujeito seria o empírico, o que enuncia; se, por outro lado, olhar-se para o texto somente como texto, desconsiderando o empírico, o autor se manifestaria como um estilo reconhecível, representando apenas seu papel actancial, porém, atuando ainda como uma estratégia textual: “o autor não é senão uma estratégia textual capaz de estabelecer correlações semânticas” (ECO, 1984, p.45).

---

<sup>5</sup> Grifo nosso.

Continuando nesse caminho, percebemos que a subjetividade emerge através do estilo, que, por sua vez, é definido por ser uma oposição às estruturas determinadas, afinal, a existência da regularidade é uma condição para que se possa encontrar e analisar o estilo. O conteúdo é reafirmado pelo *modo* com que se exprime na forma, isto é, *como* a linguagem é articulada, qual estilo o autor empregará para significar e, por isso, justamente dessa maneira, o estilo (para cunhar o mesmo termo de Possenti, 1993) “individua o discurso”. Portanto, para o linguista, seguindo a teoria de Granger (1974), *sempre haverá estilo na língua*, independentemente inclusive se se toma como exemplo um gênero padronizado como um ofício ou memorando, pois, de acordo com o estudioso, primeiramente haverá – mesmo que insignificante – diferenças entre dois objetos e, em segunda instância, o próprio fato de procurar suprimir traços da individualidade já é estilística, visto que é um trabalho com a forma linguística, logo, produz individuação. Nas palavras de Possenti (1993, p.180):

(...) ele [o raciocínio de Granger] nos obriga a ver estilo tanto no poema mais originalmente elaborado e mais impressionante do ponto de vista estético quanto num ofício individual escolhido entre milhares exatamente idênticos que uma secretária datilografa no curso de uma carreira, por mais que ela os execute uniformemente e retire deles qualquer resquício de falta de objetividade. Porque, afinal, um ofício é o resultado de um trabalho longo, destinado exatamente a apagar dele qualquer marca de individualidade, o que significa que é o resultado de uma ideia de forma que aos poucos se concretizou (mesmo esquecendo estrategicamente o fato de que os ofícios têm datas, destinatários e assinaturas, que os individualizam).

Essa visão vai nos aproximar, inclusive, da noção estilística para Bakhtin ([1979] 2000), segundo o qual a individualidade do enunciador é, também, evidenciada através do estilo, porém, respeitando o gênero discursivo a que pertence determinado enunciado. Afinal, assim como na citação de Possenti (1993), os gêneros padronizados também se constituem de estilo, embora seja mais complicado de se perceber neles a demonstração desses traços subjetivos.

Tratando a respeito do conceito de estilo especificamente para a linguística, Possenti propõe-se a passar rapidamente por diversas noções dadas segundo teóricos dessa vertente, constatando que é inviável destacar apenas uma das funções estilísticas.

Conforme o ponto de vista de um campo da linguística, o estilo é determinado vagamente, distinguindo-se língua e estilo em consonância com a dicotomia *langue e parole* de Saussure. Entretanto, Possenti (1993) rejeita essa concepção por ela admitir a linguagem como uma estrutura fixa de um lado e sub-blocos de fala de outro, dando preferência às ideias que levam em conta o estilo como um fato da língua, embora também acabem dividindo as

funções da linguagem. Deste lado, portanto, ele apresenta os conceitos dados por Bally e Mattoso Câmara Jr.

Bally (1951 *apud* Possenti, 1993), embora parta também de Saussure, considera que a linguagem atua não refletindo a realidade, mas refratando-a, assim, impondo uma deformação que parte da natureza individual. Para este autor, a subjetividade consiste na parte afetiva do ser, situando a expressão linguística entre dois pólos: os sentimentos individuais e os sociais. Ao manifestar a própria vontade, o locutor representa-se frente à condição social do interlocutor, analisando a situação do outro em relação a si próprio. É assim que a possibilidade de expressão da linguagem transita do nível psicológico para o sociológico. Possenti (1993) demonstra não concordar com a teoria de Bally no momento em que ele coloca a estilística limitada a uma função secundária da linguagem, não obstante ainda relevante.

Já numa perspectiva bakhtiniana, o movimento da linguagem não se concentra essencialmente no indivíduo, mas no social. O signo linguístico antes surge da interação entre locutor e receptor, os quais também se definem um frente ao outro. Porém, partindo desse contexto interacional, o signo é não só refratado, mas refletido e refratado pelo sujeito segundo suas percepções, como bem afirma Bakhtin/Volovhínov ([1929] 2010, p.32): “um signo não existe apenas como uma parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra”. Ou seja, o signo pode retratar a realidade e, também, modificá-la ou considerá-la conforme uma determinada visão de mundo. A isso está relacionado o fato de ideologia e signos serem totalmente correspondentes entre si, estando estes sempre submetidos a julgamentos de valor, e o fato de ser através desse movimento de reflexão e refração dos signos – especialmente os linguísticos – que o sujeito é capaz de exprimir suas tomadas de posição e seu estilo individual.

Outro pesquisador que discute estilo negando a dicotomia saussuriana é Mattoso Câmara Jr. (1977) que se fundamenta na trílice função da linguagem proposta por Bühler (1934) – expressão, apelo e representação, concentrando-se especialmente na primeira. Segundo seus conceitos, o estilo seria como a definição de uma personalidade, porém em termos lingüísticos, e visto como uma complementação da gramática. No entanto, pelo fato de ele considerar o estilo como uma espécie de desvio da norma (o que veremos mais detalhadamente em sequência) e por, justamente, situar a estilística fora da gramática da língua, não comunga das propostas de Possenti (1993). Ora, uma vez que o estudioso não compartilha da mesma concepção linguística, ele não incorpora a ideia de desvio e volta a se aproximar da de escolha – questão que ele diz, em outro artigo futuro, poder ser também

inserida nos moldes de Bakhtin: “pode-se recolocar a questão da escolha no interior de uma concepção de língua, de enunciado e de gênero, tais como desenhadas, digamos, pelo menos à moda bakhtiniana” (POSSENTI, 2001, p.16).

Outro ponto de vista sobre estilo vem da sociolinguística. Nessa área, o estilo é percebido segundo duas leituras: a primeira entende-o como o código linguístico de uma comunidade, dentre o qual os locutores podem efetuar escolhas de acordo com a situação, adequando-as aos seus objetivos enunciativos, que podem ser conscientes ou não; a segunda, por sua vez, leva em conta os estilos empregados por uma pessoa individual, traçando um paralelo entre contexto e forma linguística. Para as suas investigações, Possenti (1993) toma a primeira concepção por considerar a questão da *escolha*, que para ele é constitutiva do estilo. No entanto, adiciona também a noção de *atenção* dada por Labov, a qual pressupõe um falante que faz sua seleção dos recursos linguísticos de maneira mais consciente, a fim de obter um efeito precedentemente desejado. Por conseguinte, conforme a visão de Possenti (1993), o estilo não é simplesmente um *desvio* (um termo fixo da língua que seria rompido por uma anomalia), mas diz respeito à possibilidade de controle da utilização desses recursos.

O estudioso considera, portanto, o estilo não apenas como essa transgressão do uso regular da língua, mas como uma possível *escolha* do sujeito, de acordo com a situação de interação verbal em que ele se encontra. Nesse viés, essas escolhas se dão pelo emprego determinado de certas marcas linguísticas: a opção por uma palavra dentre um grupo de palavras supostamente sinônimas e não outra, uma pronúncia específica dentre um conjunto de pronúncias possíveis e variantes linguísticas, a seleção de determinada construção sintática entre as alternativas admissíveis de organização de um texto (POSSENTI, 1993, p 205).

Essa seleção dentre as possibilidades da língua permite a criação de determinados efeitos, que podem estar ligados a situações sociais definidas ou a jogos linguísticos previstos, inclusive, pelo próprio locutor. Esses efeitos de sentido são uma das questões a serem abordadas no estudo da *subjetividade* na linguagem. Afinal, as escolhas feitas pelo locutor podem estar ligadas simplesmente a uma adequação ao contexto, mas também podem representar uma quebra consciente por parte do locutor, como podemos observar na exemplificação de Possenti (1993, p.207):

O estilo escolhido por um falante pode, em certas circunstâncias, ser como é em função do contexto. Isto é, há uma determinada situação e, conhecendo as regras de comportamento para essa situação, o falante escolhe o estilo adequado a ela. Neste caso, tudo corre dentro as expectativas normais. Mas também pode ocorrer o inverso: dada uma certa situação, e sabendo que tipo de comportamento se espera, o locutor rompe as regras e escolhe um estilo considerado inadequado, como é, de

fato, o criador do contexto, isto é, a situação se encontrará alterada *por causa* da forma como o locutor se expressou.

Logo, a escolha é necessária para a construção estrutural de um texto, posto que “dizer de um certo modo implica não dizer de outro” (POSSENTI, 2001, p.16), sendo um efeito justamente dessa multiplicidade de recursos.

O estilo para o pesquisador, portanto, tem como principal e primeira condição a existência desses múltiplos recursos a serem eleitos pelo falante, cuja existência (daquele que escolhe) é a segunda condição base para a possibilidade de haver estilística. Afinal,

(...) o falante tem um papel, não só o contexto ou a classe a que pertence. Se é verdade que ele não está livre das regras lingüísticas, nem das sociais, também é verdade que as regras lingüísticas lhe permitem espaços e as regras sociais lhe permitem pelo menos aspirações, representações e, mesmo, rupturas de regras, lugares onde a subjetividade se manifesta como não necessariamente assujeitada, mas sim ativa. (POSSENTI, 1993, p.198-199).

Logo, essa noção de estilo é um dos traços que permite pensar a noção de um sujeito atuante na sua produção textual, o qual poderíamos denominar como um *sujeito autor*. Afinal, não se trata de *o que* está escrito, que diria respeito aos discursos veiculados, mas de *como* se escreve, relativo justamente ao estilo do autor. Isso não quer dizer que o sujeito não está submetido às condições de contexto e produção, enunciando de um lugar e de uma posição específica da sociedade, como propõe Bakhtin ([1929] 1981), mas que, especialmente através do estilo, ele tem a possibilidade de encontrar espaço para expressar sua subjetividade. No pensamento do filósofo, a defesa da multiplicidade de vozes não vai apagar a presença desse *autor* e *sujeito* na sua obra e a de seu círculo. O autor e a posição que ele toma são elementos essenciais e ponto de partida de qualquer texto. Ele assume, frente a um enunciado, determinada voz social, tomando uma posição axiológica, e, a partir dessa posição tomada, ou máscara assumida, como denomina Faraco (2009), o autor organiza esteticamente seu texto, sendo o responsável por dar forma ao conteúdo – reflexão próxima à discussão de Possenti –, posto que o estilo escolhido (e assumido) para a organização de sua produção textual é o que modela a forma para exprimir o conteúdo.

O sujeito, por sua vez, surge da dialogização, pois para ele a realidade linguística faz-se nas múltiplas relações entre as vozes sociais. Nesse meio, ele vai estabelecendo-se discursivamente e, assim, definindo-se como um ser não uno, mas plurilíngue. Portanto, embora a consciência seja considerada inteiramente social, Bakhtin e os demais componentes do seu círculo abrem espaço para a singularidade no momento em que, conforme as palavras

de Faraco (2009, p.89), sustentam que “cada ser humano ocupa um lugar único e insubstituível, na medida em que cada um responde às suas condições objetivas de modo diferente de qualquer outro”.

Dessa forma, para Bakhtin, o sujeito jamais é visto sob um determinismo radical, que o condiciona ao meio de maneira a excluir suas possibilidades de subjetividade (sujeito assujeitado). Isto é, apesar de constituído pelos diversos discursos, ele é sempre social – já que a consciência é exterior e não individual –, e singular – pois cada um reage à sociedade de um modo particular<sup>6</sup>.

Também tratando especificamente dessa questão da *subjetividade*, Possenti (1998) retoma a visão de assujeitamento contrapondo à de sujeito livre. A respeito disso, o pesquisador refere-se a traços próprios da ação do sujeito marcados em pequenos textos. No entanto, ao final, adverte:

Ser sujeito de um texto não significa criar fora das regras que historicamente constituíram gêneros, o que implica algum tipo de assujeitamento; mas também mostra, e é o que mais me interessa, que o sujeito não é apenas o ocupante eventual de um lugar de que um discurso se aproveita para acontecer. As manobras - regradas - do sujeito exercem um papel fundamental. (POSSENTI, 1998. p.106).

Isto é, novamente voltamos à noção de que o sujeito não é totalmente livre, posto que ainda está submetido a certas regras. Entretanto, no mesmo sentido de Bakhtin, Possenti (1998) afirma, com essa citação, ser considerável a possibilidade da manifestação de traços da subjetividade, pois o sujeito já não deve ser apenas um meio por onde os discursos se disseminam.

É, pois, precisamente a expressão estilística, a interação verbal e a assimilação das diversas vozes sociais que abrem a possibilidade de singularizar-se e singularizar o discurso, assim como veremos que, também para Possenti, o sujeito é autor quando sabe trabalhar no seu texto os múltiplos discursos, dando voz aos enunciados alheios. Afinal, como nos esclarece Faraco (2009) em vista da perspectiva bakhtiniana, “*Autorar (...) é orientar-se na atmosfera heteroglóssica; é assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais; é explorar o potencial da tensão criativa da heteroglossia dialógica; é trabalhar nas fronteiras*” (FARACO, 2009, p.87).

Os sujeitos e os enunciados que produzem, no entanto, estão necessariamente englobados dentro de um outro conceito ainda mais amplo desenvolvido por Bakhtin, o de

---

<sup>6</sup> Essa percepção nos remete à proposição de Possenti, segundo a qual o sujeito se singulariza através do estilo, isto é, individualiza o discurso pela maneira *como* ele enuncia, o *modo* como enuncia, não atribuindo tanta importância necessariamente a *o que* é enunciado.

*gênero discursivo*. Os conceitos de *autoria* e de *gêneros discursivos*, relacionados sempre com a questão do *estilo*, serão, portanto, temas abordados nos itens subsequentes.

## 2.1 O ESTILO NA AUTORIA

Abordar diversas vozes, organizar mecanismos disponíveis na língua e, portanto, assumir um estilo pessoal com a intenção de criar determinado efeito para o interlocutor são os principais fatores da constituição de um sujeito autor de seus textos e responsável por suas posições discursivas.

A respeito da *autoria*, Possenti (2001) vai discutir como foi alterada a noção de *autor*. Por um lado, as considerações a respeito da “morte do autor” surgiram na tentativa de garantir que a interpretação de um texto não se ativesse a questões pessoais, procurando desvendar sua intencionalidade particular. Por outro, a defesa de uma função do autor fundamenta-se no argumento de que essa concepção não tem relação com a personalidade própria do indivíduo, mas se modifica de acordo com as alterações das modalidades enunciativas (POSSENTI, 2001, p.17).

Remetendo-se a Foucault (1969 *apud* POSSENTI, 2001), o linguista reflete sobre o conceito de autor dado pelo analista do discurso francês e o critica na medida em que ele não considera a *autoria* fora de obras literárias ou de uma discursividade. Frente a isso, Possenti (2001, p.17) questiona: “quais seriam e como poderiam ser organizados os indícios de autoria em textos de escolares?”. Esse é o ponto desenvolvido pelo linguista e que interessa particularmente para a nossa pesquisa. Também levantando a mesma discussão, ele propõe:

Assim, de duas, uma: ou renunciamos a discutir esta questão – textos de vestibulandos e outros textos escolares – em termos de autoria (por exemplo, discutimos somente coesão e coerência), ou descobrimos uma brecha para introduzir no campo uma nova noção (nova em relação a essa, de Foucault) de autoria. (POSSENTI, 2002, p.108)

Para tanto, ele aponta elementos importantes para se pensar esse ponto:

Por um lado, deve-se reconhecer que, tipicamente, quando se fala de autoria, pensa-se em alguma manifestação peculiar relacionada à escrita; em segundo lugar, não se pode imaginar que alguém seja autor, se seus textos não se inscreverem em discursos, ou seja, em domínios de “memória” que façam sentido; por fim, creio que nem vale a pena tratar de autoria sem enfrentar o desafio de imaginar verdadeira a

hipótese de uma certa pessoalidade, de alguma singularidade. (POSSENTI, 2001, p.17)

Assim, Possenti acaba por optar – e nós optamos com ele – pela segunda alternativa, isto é, a de aceitar a possibilidade de uma subjetividade, uma singularidade nos textos escritos, que, de alguma maneira, estará relacionada com o conceito já discutido de estilo. E, do mesmo modo, ao buscarmos analisar também textos de escolares, apropriar-nos-emos de alguns dos indícios de autoria apontados por ele para verificar a presença ou não de individualidade nas produções dos alunos.

Traçando considerações sobre esse tema, Possenti (2002) remete-se a um tempo em que os professores, em âmbito escolar, avaliavam um texto como bom, se o aluno escrevesse “corretamente”, o que significava “de acordo com a gramática normativa”. Observando isso, Charolles (1978 *apud* POSSENTI, 2002, p.108) apontou a dificuldade dos professores corrigirem a partir de uma outra categoria que não apenas a gramatical, os quais conseguiam perceber a existência de problemas de outra ordem, mas não eram capazes de defini-los. Diante disso, ele oferece aos professores possibilidades de avaliação, agora também, segundo problemas de coesão e coerência textual. Contudo, Possenti (2002) vai além, quando afirma considerar um texto realmente bom, apenas em termos discursivos: “isto quer dizer que a qualidade do texto passa necessariamente pela questão da subjetividade e de sua inserção num quadro histórico – ou seja, num discurso – que lhe dê sentido. O que se poderia interpretar assim: trata-se tanto de singularidade quanto de tomada de posição” (POSSENTI, 2002, p.109).

Pretendendo, então, atribuir objetividade à noção de autoria e demonstrar como se identifica o sujeito autor, o linguista nos apresenta alguns *indícios de autoria* e certas importantes afirmações. Ele inicia nos fornecendo um exemplo (o qual trazemos em seguida) de um texto de uma cartilha infantil perfeitamente correto do ponto de vista gramatical, no entanto, trata-se de várias frases soltas agrupadas, o que não lhe confere sentido algum, sendo, portanto, um texto sem autor:

Carlito partiu no barco verde.  
O barco era longo e forte.  
Carlito parou perto da árvore.  
Era tarde e Carlito dormia.  
Acordou e comeu carne de carneiro.  
Que calor! Vou nadar! (No reino da alegria) (POSSENTI, 2002, p.110)

No mesmo caminho, o pesquisador afirma que textos que apresentam aceitável ordem textual – dentre os quais ele não pode deixar de classificar o do exemplo anterior – podem ainda assim não ser de qualidade (ou “insosso”, como ele define) se não marcarem a *posição do autor*. Isso porque, nesses textos, falta empregar densidade – caracterizar objetos e lugares, dar vida aos personagens, motivar as ações, relacionar com elementos culturais, com outros discursos etc. – para que se lhe dê um sentido mais sólido. Para conseguir esse efeito de densidade, Possenti (2002) aponta as marcas coesivas bem colocadas, a não repetição excessiva e desnecessária de termos, a avaliação e tomada de posição através de referentes textuais, ou seja, a escolha devida dos recursos linguísticos, a partir dos quais o autor pode demonstrar seu conhecimento de mundo, enciclopédico, de memória social e de outros discursos, conferindo propriedade a sua produção. Dessa forma, conclui que as marcas de autoria não fazem mesmo parte nem da gramática por si só, nem do texto, mas do discurso, de modo a atribuir historicidade para os eventos textuais.

Expandindo essa noção, Possenti (2002, p.112-113) afirma ser autor aquele que, de maneira consciente ou não, assume em seu texto duas atitudes básicas: “*dar voz a outros enunciadores e manter distância em relação ao próprio texto*”. A propósito da primeira condição, ela transparece quando o autor confere abertamente a um outro a origem do discurso, ou quando discursos já do senso comum são incorporados como tal (embora enunciados de maneira diferente), confiando, assim, na memória social e conhecimento de mundo do leitor, supostamente capazes de fazer a referência.

Em relação à segunda, o afastamento proposto diz respeito à marcação da posição do autor frente aos seus interlocutores, isto é, quando o autor pára para se explicar no texto, antecipando-se a uma possível reação do outro, ou quando explica o sentido em que se está pretendendo aplicar determinada palavra. Nesse caso, entra também a questão da avaliação, da qualificação ou da análise através, por exemplo, de retomadas coesivas ou emprego de determinado verbo e não outro, espaço em que o autor pode interferir, demonstrando (sutilmente, elegantemente ou ironicamente), através de seu estilo próprio, sua opinião. Sobre essa questão diz: “isto é verdadeiro tanto no sentido histórico, na medida em que não se trata de uma invenção individual, mas também no sentido de singularidade, de originalidade, na medida em que não se trata de uma intervenção de todos os sujeitos que estão na mesma posição” (POSSENTI, 2002, p.15), ou seja, o pesquisador não abandona de forma alguma a noção de que o sujeito enuncia de uma posição socialmente “assujeitada”, mas dá a possibilidade de ele demonstrar sua individualidade, visto que nem todos os sujeitos de uma mesmíssima posição social intervêm com a mesma originalidade de estilo.

Acrescentando a esse ponto de vista apresentado por Possenti (2002), temos a citação que ele faz de Bakhtin (1975):

Se prestarmos atenção aos trechos de um diálogo tomado ao vivo na rua, na multidão, nas filas, no hall etc., ouviremos com que freqüência se repetem as palavras “diz”, “dizem”, “disse”, e, freqüentemente, escutando-se uma conversa rápida de pessoas na multidão, ouve-se como que tudo se juntar num único “ele diz”, “você diz”, “eu digo”... E como é importante o “todos dizem” e o “ele disse” para a opinião pública, a fofoca, o mexerico, a calúnia etc. (BAKHTIN, 1975 *apud* POSSENTI, 2002, p.116)

Nesse ponto, podemos nos remeter a um importante conceito de Bakhtin, o *dialogismo*. A enunciação dialógica da linguagem é o que sustenta a teoria bakhtiniana da enunciação, pressupondo que qualquer discurso é formado essencialmente por outros discursos, sendo também justamente o que dá vida à linguagem. Nas palavras de Bakhtin ([1929] 1981, p.158): “a linguagem vive apenas na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida da linguagem*”.

Essas relações são consideradas pelo filósofo como extralingüísticas, mas englobadas pelo discurso, que, por seu turno, é fundamentalmente dialógico. Logo, para adquirirem tal propriedade, as relações (previamente) lógicas precisam concretizar-se, materializar-se em discursos, em enunciados e, assim, “ganhar *autor*” (BAKHTIN, [1929] 1981, p.159), definido por Bakhtin ([1929] 1981) como aquele que cria seu enunciado e externa sua posição.

O enfoque dialógico é atribuído a qualquer signo ou enunciado como um todo que deixe entrever por meio dele a voz do outro. Essa questão de múltiplas vozes dentro de um enunciado nos remete ao conceito de *polifonia*, também delineado por Bakhtin, que, embora empregado pelo filósofo especificamente para a análise dos textos de Dostoiévski<sup>7</sup>, denota justamente os enunciados nos quais se presente o dialogismo e nos quais as várias vozes dos diversos discursos sociais se deixam transparecer.

A partir disso, temos que grande parte do que dizemos faz parte do discurso de outros. Entretanto, o que vai emergir como autoria é a forma – isto é, o estilo individual – como se atribui essa voz ao outro, a qual pode se dar através dos *verbos de dizer* (ou verbos *dicendi*, conforme denominação de Possenti), que têm a possibilidade de caracterizar o referente discurso e adequá-lo ao contexto, pois “tudo é ao mesmo tempo um jogo de formas que não se repetem e uma escolha condicionada por fatores contextuais” (POSSENTI, 2002, p.119).

---

<sup>7</sup> Conforme frisado por Faraco (2009), p.77-80.

Diante de todo esse desenvolvimento do conceito de autoria, Possenti (2002) analisa, então, um texto de um vestibulando, no qual ele detalha o que se pode classificar como indício de autoria, como, por exemplo, o emprego de certas conjunções, operadores argumentativos, adjetivação, atribuição de voz ao discurso alheio, estruturação textual, jogos de sentido, entre outros. Através desses indícios, ele vai mostrando como o aluno coloca-se como sujeito autor, como trabalha os recursos da língua, porém, sem se desapegar dos condicionamentos históricos, que são os que vão conferir sentido a seu texto. É nesse viés, portanto, que também nos propomos a desenvolver nosso trabalho, buscando descobrir a presença (ou não) desse sujeito nas produções de nossos alunos.

## 2.2 O ESTILO NOS GÊNEROS DO DISCURSO

Sendo a linguagem, em termos bakhtinianos, especificamente social e ideológica, construída na interação verbal, ela é o campo em que se dão as práticas sociais e no qual conseguimos perceber as nuances das transformações sociais. No entanto, a sua concretização efetiva-se por meio de formas de comunicação específicas no contexto vivenciado. Essas formas, dizem respeito, como já vimos, às produções enunciativas em determinadas situações, por sua vez contidas nos *gêneros do discurso*. Este é, portanto, um importante fator a ser analisado ao procurarmos encontrar o sujeito autor em um texto. Afinal, saber adequar devidamente a produção textual (oral ou escrita) ao gênero e ao estilo mais apropriados é também ter domínio autoral sobre o texto.

Embora a discussão sobre gêneros não seja nova, posto que Aristóteles já traçava considerações a respeito na Antiguidade, nenhum dos trabalhos desenvolvidos anteriormente considerava a natureza linguística do enunciado. Bakhtin ([1979] 2000) atribui as poucas pesquisas nesse campo à dificuldade de se estabelecer um núcleo comum a todos os gêneros, devido a sua grande heterogeneidade.

Para construir sua conceituação, o autor parte, então, do princípio de que as atividades humanas, como já vimos, se dão através da linguagem e são organizadas em esferas. A utilização da língua, portanto, acompanha tais esferas, variando da mesma forma que a inconstância das ações do ser social.

Dentro de cada uma dessas esferas, há outros grandes grupos, os *gêneros do discurso*, definidos pelo filósofo russo como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN,

[1979] 2000. p.279), ou seja, delimitam uma associação de enunciados dentro de determinadas características predominantes, mas podem aceitar variações de acordo com a individualidade de cada enunciador ou contexto de produção, desde que não comprometa a especificidade do grupo.

Os gêneros encontram-se nas mais variadas e infinitas formas, pois estão contidos nas esferas de atividades humanas, as quais estão sempre em constante transformação e evolução. Assim, na medida em que essas esferas vão adquirindo maior complexidade, criam-se novos gêneros ou transfiguram-se os já existentes.

Intimamente ligado aos gêneros do discurso e ao enunciado, o *estilo* é outro conceito importante desenvolvido pelo filósofo. Da mesma forma como Possenti (1993) o assume, o estilo constitui, para Bakhtin ([1979] 2000), a marca individual e, portanto, é capaz de refletir a individualidade do enunciador. Contudo, dependendo do gênero a que o enunciado pertence, são mais difíceis as demonstrações desses traços pessoais, como no caso de gêneros de forma padronizada. A esse respeito, podemos confrontar com a visão já discutida brevemente que nos apresenta Possenti (1993), a qual também trata o estilo como individualizador e considera que nos gêneros padronizados a individualidade é mais sutil. Por outro lado, tanto para Bakhtin quanto para essa visão de Possenti, os gêneros literários e artísticos denotam maior liberdade estilística.

Ainda de acordo com o filósofo russo, há um vínculo indispensável entre o estilo, determinadas unidades temáticas e unidades composicionais. Dissociar o estilo das condições em que ele foi produzido significa desconsiderar sua unidade de base. Isto é,

O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. Isso não equivale a dizer, claro, que o estilo linguístico não pode ser objeto de um estudo específico, especializado. Tal estudo, ou seja, uma estilística da língua, concebida como uma descrição autônoma, é possível e necessário. Porém, os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e devem basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade. (BAKHTIN, [1979] 2000. p.284)

Em relação à subjetividade, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) discute a noção dada pelo *subjetivismo idealista*, a qual critica prontamente por excluir a interação entre o “eu” e o “outro”, considerando especialmente a fala como fundamento da língua, que se dá a partir da consciência e não da interrelação social. O sujeito, nessa corrente do *subjetivismo*, é somente individual, constituído num movimento do interior para o exterior, em uma relação psicológica com a linguagem.

Negando essa concepção, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010) vai construir seu conceito de um sujeito ativo na constituição da língua, porém, também constituído por ela no momento da interação social, um sujeito que se apropria da linguagem e das diversas e variadas vozes que compõem os discursos que circulam no seu meio social, entretanto, conferindo ao seu texto, no momento da produção, uma expressividade própria, a qual envolve a situação comunicativa concreta e a intenção discursiva do locutor. A essa reflexão podemos acrescentar o já discutido sobre estilo por Possenti (1993), para o qual o sujeito é também composto por vários discursos alheios, mas se individualiza no momento da sua tomada de posição e da forma que emprega em seu enunciado a fim de conseguir atribuir voz a esse outro, isto é, a partir do seu estilo individual, da escolha dos elementos linguísticos feita de acordo com o contexto situacional e os objetivos discursivos do locutor.

No entanto, conforme a visão também trazida por Possenti, o filósofo russo coloca que o sujeito circula em um espaço de liberdade limitada, segundo um horizonte linguístico já estabelecido pelo seu meio social, pois toda a construção acontece na interação com o outro, no meio coletivo; ou seja, não é possível que um sujeito crie individualmente um novo esquema para língua ou um novo gênero textual. Isso só acontece em um processo de formação no qual participam demais sujeitos de uma mesma perspectiva sócio-cultural (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2010).

Retomando a noção de gênero discursivo, podemos, então, relacioná-la com essa constituição do sujeito, visto que os gêneros criam-se a partir das interações verbais e, também, estabelecem formas de agir no mundo. Conhecer adequadamente os gêneros que o circunscrevem, além de proporcionar maior inclusão na sociedade, permite ainda ao indivíduo um maior domínio linguístico e liberdade para fazer determinadas escolhas nos seus textos e, portanto, expressar sua autoria.

Por isso, ao coletarmos os textos dos alunos para análise, optamos por aplicarmos na escola uma aula na perspectiva de Schneuwly & Dolz (2004) relativa ao gênero *artigo de opinião*, posto que esses autores trabalham com um modelo de sequência didática construído a partir dos preceitos bakhtinianos.

A *sequência didática* é formada por atividades escolares estabelecidas a partir de um gênero textual escolhido. Nas palavras dos autores, “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.97). Os passos específicos utilizados em nossa pesquisa estarão melhor detalhados no item *Metodologia da Pesquisa* desse trabalho.

Ainda segundo os estudiosos,

se a situação de comunicação é suficientemente bem definida durante a fase de apresentação da situação, todos os alunos, inclusive os mais fracos, são capazes de produzir um texto oral ou escrito que responda corretamente à situação dada, mesmo que não respeitem todas as características do gênero visado. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.101)

A partir disso, vemos a importância do papel do professor mediador nesse momento, visto que, realizando um bom trabalho em sala de aula, já nessa primeira etapa, os alunos serão possibilitados a escrever adequadamente.

Suassuna (2011), a partir de uma proposta de trabalho semelhante a que assumimos, enfatiza a importância do docente nessa perspectiva:

(...) torna-se indiscutível o papel do professor como mediador da aprendizagem. Essa mediação do professor é um fator determinante do sucesso que o aluno possa ter em seu processo de aquisição e desenvolvimento da escrita. (...) Além do mais, os procedimentos que os sujeitos aplicam à linguagem dependem do tipo de interação social em que estão envolvidos e da significação atribuída às tarefas propostas. A mediação do outro e com o outro parece, portanto, fundamental na apropriação de práticas discursivas cada vez mais complexas. (SUASSUNA, 2011, p.120-121)

Ou seja, a própria constituição do aluno como um sujeito autor também se relaciona a esse trabalho com a produção textual e discursiva em sala de aula.

Também Antunes (2003), tratando de situações nas quais o professor de Língua Portuguesa deve intervir para que o trabalho – no nosso caso – com a *escrita* seja adequado, aponta a questão da autoria como um dos focos a se dar atenção: “a produção de textos escritos na escola deve incluir também os alunos como seus autores. Que eles possam ‘sentir-se sujeitos’ de um certo dizer que circula na escola e superar, assim, a única condição de leitores desse dizer” (ANTUNES, 2003, p.61).

A partir de todo esse arcabouço teórico, portanto, desenvolvemos a nossa pesquisa, buscando encontrar nas produções de texto dos alunos indícios desse sujeito autor, tão essencial para a inserção do indivíduo na atmosfera social e multilinguística.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para que o trabalho projetado se efetivasse, propusemos uma sequência de procedimentos metodológicos, cuja atenção voltou-se para a análise qualitativa de textos coletados em exercício de campo, pois nossa pesquisa relaciona a teoria diretamente com a prática educacional.

Escolhemos como base a metodologia de pesquisa qualitativa de análise, pois nela se propõe estudar um objeto (ou fenômeno) segundo uma perspectiva integrada, isto é, compreende-o como parte de seu contexto. Segundo Godoy (1995a), as características principais desse tipo de pesquisa são: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão à vida como preocupação do investigador; e o enfoque indutivo.

Em relação à primeira característica, temos que essa modalidade de pesquisa impinge importância fundamental ao mundo empírico, sendo este a origem dos dados a serem observados – visto que devem ser coletados em campo –, os quais o pesquisador, por sua vez, como figura principal e confiável, deverá responsabilizar-se por selecionar, analisar e interpretar. (GODOY, 1995a, p.62)

A segunda propriedade ressalta a essência descritiva desse tipo de pesquisa, uma vez que a palavra escrita atua já desde o recolhimento dos documentos – dos textos escolares, no caso –, registrando todos os fatores importantes para a futura análise. Afinal, segundo Godoy (1995a, p.63), “os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto”. O interesse deve estar voltado para como se manifesta determinado elemento (foco de análise) nas atividades e procedimentos, não podendo considerar o objeto do estudo fora de seu contexto de produção.

A terceira, diz respeito à busca por “compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes.” (GODOY, 1995a, p.63). Nesse sentido, essa característica voltada à nossa pesquisa seria relativa ao processo da sequência didática, que permite a discussão com os alunos da modelização da argumentação, e à importância que inculcamos a todos os pontos de vista dos indivíduos autores dos artigos de opinião.

Por fim, a quarta característica da pesquisa qualitativa refere-se à maneira indutiva como provavelmente ocorrerá a análise. Isto é, os investigadores qualitativos partem de um foco geral, que vai aos poucos se direcionando e especificando no momento da análise de dados, em um movimento “de baixo para cima”, conforme especifica Godoy (1995a, p. 63).

Em nosso caso, analisaremos primeiramente os textos dos alunos e deles tiraremos determinados indícios de autoria para formar nossas categorias de análise, e não imporemos, em sentido contrário, categorias que podem porventura não estar compreendidas nas produções, pois esse procedimento poderia nos levar a um falso entendimento de uma ausência do sujeito autor, o qual estaria presente, na verdade, em outras marcas linguísticas que não as analisadas.

O objetivo da pesquisa qualitativa, portanto, é “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social” (NEVES, 1996, p.1) e, segundo sugestão de Creswell (1998), citado por McCaslin & Scot (2003, p.447), essa maneira de análise pode ajudar a dar forma à estruturação do trabalho.

Entretanto, dentro do estudo qualitativo ainda podemos tomar diferentes caminhos para proceder nossa investigação. McCaslin & Scot (2003), ainda na esteira de Creswell, nos propõem o “*The Five-Question Method*” (que podemos traduzir como “O Método das Cinco Perguntas”), a partir do qual nós poderíamos procurar encaixar nossa pesquisa em uma das cinco vias propostas dentro da tradição qualitativa: “*biography, phenomenology, grounded theory, ethnography, and case study*”<sup>8</sup> (McCASLIN & SCOT, 2003, p.447). Contudo, preferimos ainda um outro também bastante conhecido e utilizado tipo de investigação, veiculado por Godoy (1995b): o documental.

Segundo a autora, este estudo não se relaciona com todos os âmbitos básicos da teoria qualitativa, no entanto, essa não é uma abordagem rigidamente estruturada, o que permite à criatividade dos pesquisadores propor novos enfoques de investigação. Nesse viés documental, portanto, trabalha-se com materiais escritos – nos quais inserimos as produções textuais escolares –, através dos quais podemos “estudar o problema a partir da própria expressão e linguagem dos indivíduos envolvidos” (GODOY, 1995b, p.22).

Dentro da pesquisa documental, podemos fazer o exame dos materiais através da Análise de Conteúdo (AC), de acordo com o proposto por Godoy (1995b), ou *Thematic Content Analysis (TCA)*, na denominação de Anderson (2007), a qual trata tal modelo de análise como “*a descriptive presentation of qualitative data*”<sup>9</sup> e como “*the most foundational of qualitative analytic procedures and in some way informs all qualitative method*”<sup>10</sup> (ANDERSON, 2007, p.1).

---

<sup>8</sup> “Biografia, fenomenologia, teoria fundamentada, etnografia, e estudo de caso.” (Tradução nossa).

<sup>9</sup> “Uma apresentação descritiva de documentos qualitativos.” (Tradução nossa).

<sup>10</sup> “O mais fundamental dos processos de análise qualitativa e, de certa forma, engloba todos os métodos qualitativos.” (Tradução nossa).

Segundo a pesquisadora americana, “*a satisfactory TCA portrays the thematic content of interview transcripts (or other texts) by identifying common themes in the texts provided for analysis.*”<sup>11</sup> (ANDERSON, 2007, p.1). Isto é, a Análise de Conteúdo vai proceder a partir da identificação de determinados temas em comum nos diversos textos selecionados para o estudo, tal qual pretendemos fazer com as produções escolares de nossa pesquisa, de forma a identificar/selecionar neles os indícios de autoria possíveis de serem examinados.

A AC propõe três fases para proceder a análise: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (GODOY, 1995b, p.24). O primeiro passo seria relativo à organização geral do trabalho, formulando hipóteses e estabelecendo critérios relevantes para o decorrer da análise, sempre se pautando nos fundamentos teóricos da pesquisa. No segundo momento, volta-se aos textos e definem-se categorias, classificações e códigos, separando em blocos as unidades anteriormente escolhidas. A terceira fase é caracterizada pelo tratamento dos resultados e da interpretação e, uma vez que “o sentido se encontra por trás do imediatamente apreendido” (GODOY, 1995b, p.24), o investigador é que deve buscar o conteúdo latente.

A partir dessa proposta de abordagem e levando em conta seu conceito geral, procuraremos, portanto, desenvolver nossa metodologia da pesquisa e nossa consequente análise.

Primeiramente, foi feita a leitura de teóricos ou estudiosos da linguagem que nortearão esta pesquisa, dando base para o trabalho com conceitos como *estilo, autoria, subjetividade, constituição linguística do sujeito e gênero discursivo*. A partir disso, procuramos perceber como os indícios de autoria tendem a se organizar especificamente em produções escolares.

Para o processo analítico, portanto, coletamos em duas etapas textos de alunos matriculados no 2º ou 3º ano do Ensino Médio de duas escolas estaduais de Curitiba (Escola A e Escola B). Escolhemos essas séries por representarem anos finais do ensino básico, já tendo quase que completos os conteúdos fundamentais e, supostamente, já maior contato com gêneros diversos, o que poderia significar um domínio maior de articulação textual e, logo, textos bons em relação à forma e conteúdo e com opiniões já formadas.

Em princípio, determinamos o gênero artigo de opinião para trabalharmos. Essa escolha foi fundamentada pelo fato de o artigo de opinião conter significativamente o tipo textual argumentativo, o qual temos interesse de analisar por nos parecer que dá ampla

---

<sup>11</sup> “Uma satisfatória AC retrata o conteúdo das transcrições de entrevistas (ou outros textos) através da identificação de temas comuns nos textos fornecidos para a análise.” (Tradução nossa).

liberdade para o autor demonstrar sua subjetividade, posto que ele deverá argumentar a partir de um ponto de vista e saber lidar com os diversos discursos sociais dentro do seu texto.

Partindo desses posicionamentos, selecionamos, então, uma turma em cada escola para proceder nosso estudo. As escolas onde aplicamos nossa pesquisa foram escolhidas por serem participantes do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e terem, assim, vínculo com a UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná), facilitando nosso acesso às salas de aulas e materiais dos alunos. O programa já nos proporcionava um acompanhamento de algumas das turmas da escola e contato com as professoras, dando margem para que pudéssemos interferir no andamento das turmas de forma não brusca, uma vez que os alunos também já estavam acostumados a nossa presença na classe.

Como primeira etapa, solicitamos às professoras de Língua Portuguesa das turmas que pedissem aos alunos a produção de um artigo de opinião, utilizando seu procedimento habitual de trabalho com produção de texto, de modo a não haver a interferência do pesquisador, assim, respeitamos a primeira fase da metodologia qualitativa, em que é importante se coletar os dados no seu ambiente natural. Nesse ponto, encontramos uma das dificuldades do trabalho, visto que o gênero não estava abarcado no planejamento das professoras. Assim, elas apenas solicitaram o texto aos alunos a partir de um tema qualquer para que não precisassem sair do programa. Não tivemos acesso ao modo como se procedeu a proposta de escrita formulada pelas professoras titulares, mas inferimos que a regente da Escola A tenha somente requerido o texto, enquanto a da Escola B tenha utilizado determinada notícia como texto base, uma vez que vários dos alunos dessa escola fizeram a mesma referência a esse texto nas suas próprias produções.

Após um breve espaço de tempo, ainda na fase qualitativa de coleta do material em campo, mas agora com a presença do investigador, atuamos em sala, ministrando duas aulas segundo passos planejados em uma *sequência didática* precedentes à reescrita, isto é: ativação do conhecimento prévio do tema e do gênero textual em questão, ampliação de repertório, organização e sistematização do conhecimento relativo ao gênero, exercícios de análise linguística e proposta de produção escrita. Esse passo é importante, pois todo o processo é extremamente valioso no desenvolvimento da metodologia abordada. A dificuldade nesse ponto, no entanto, foi conseguirmos que os alunos entregassem os textos devidamente, pois nem todos tiveram o comprometimento de terminar a atividade em sala no tempo disponível ou trazê-la em outra oportunidade. Logo, não obtivemos o material de todos os alunos das turmas, mas já uma quantidade suficiente para o desenvolvimento da pesquisa.

A análise, portanto, foi feita com 28 dos 54 textos coletados (27 de cada escola), sendo dois de cada um dos 14 alunos, um da primeira fase da coleta de dados, contando apenas com o trabalho da professora da turma, e outro da segunda fase, com a interferência do pesquisador. Dentre os 29 alunos que entregaram textos (12 da escola A e 17 da escola B), apenas 14 serão considerados (8 da escola A e 6 da escola B) por termos os textos das duas fases, podendo, assim, estabelecer uma comparação. O restante, 26 textos, foram descartados por termos apenas um dos textos do mesmo aluno, mais de uma versão (provavelmente reescrita) da primeira fase ou dois da mesma fase com temas diferentes (esse caso ocorreu com a escola A, pois a professora pediu artigos de opinião sobre o tema “drogas” e o tema “violência”; assim, apenas os primeiros foram considerados pelo fato de o tópico ter semelhança com o solicitado pela escola B: “a possibilidade de legalização da maconha no Brasil”).

A perspectiva teórica que tomamos para a elaboração da sequência didática é a proposta por Schneuwly & Dolz (2004). Segundo o modelo, a prática em sala desenvolve-se a partir de quatro passos básicos, a saber: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.98). Cada uma dessas etapas tem um objetivo específico a ser cumprido, sendo a última etapa a que vai resultar em um texto final do aluno, oral ou escrito, dependendo do gênero selecionado.

Para a nossa pesquisa, utilizaremos apenas os dois primeiros passos, pois a partir dos *módulos* já se trabalha o gênero mais profundamente, de acordo com as dificuldades verificadas pelo professor com a correção da primeira produção, e não intentamos, nesse momento, ratificar esses problemas, mas justamente identificá-los – em especial em relação ao posicionamento do sujeito – para procedermos a nossa análise, sem a intervenção da correção.

Na *apresentação da situação*, a tarefa a ser realizada é detalhadamente descrita. A partir de uma ativação do conhecimento prévio do tema, apresentam-se alguns exemplos do gênero e o trabalha segundo suas características básicas: a quem se dirige, qual o formato, qual o suporte, qual a linguagem empregada etc. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.100).

No nosso caso, procedemos esse passo a partir de uma breve discussão sobre o uso da Internet, de Redes Sociais e *sites* de pesquisa pelos jovens e a influência dessa era da informação na forma de pensar e de se desenvolver da juventude, visto que esse seria aproximadamente o tema da proposta de produção posterior. Depois disso, trabalhamos rapidamente com a ativação das noções prévias dos estudantes em relação aos gêneros textuais envolvidos, isto é, a entrevista e o artigo de opinião. Tendo já acionados tais

conhecimentos, apresentamos aos alunos a reportagem *A Internet está deixando você burro?*, da *Revista Galileu*<sup>12</sup>, da qual utilizamos para leitura e discussão apenas dois *boxes*, que traziam pontos de vista relevantes e suficientes para a questão. Primeiramente, então, entregamos à turma o *box* com a entrevista “*Estamos mais Rápidos e Superficiais*”, cujo assunto voltava-se para os riscos do uso da Internet pela nova geração. Discutimos juntos a estrutura da entrevista, os argumentos principais do entrevistado e a posição de onde ele estava falando, isto é, como um especialista importante no assunto e escritor de livros a respeito. Na sequência, entregamo-lhes o segundo *box*, dessa vez com o artigo de opinião, intitulado “*A web está criando a geração mais inteligente de todas*”. Uma vez que este gênero era o nosso foco de trabalho, demoramo-nos mais tempo nele, analisando mais detalhadamente a sua estrutura e a forma como o autor inseria os argumentos, não deixando de posicionar-se e trazendo ao seu texto várias vezes para reforçar sua opinião. Assim, foi requisitado que os alunos fizessem alguns exercícios, especialmente um que solicitava a construção de uma tabela listando argumentos de ambos os textos, para que ficasse mais fácil a visualização para eles. Os textos e exercícios trabalhados podem ser visualizados na seção *Anexos e Apêndices*, ao final deste trabalho.

Em seguida, dando continuidade à *sequência didática*, é solicitada aos alunos uma *produção inicial*, no qual o professor poderá observar quais capacidades foram adquiridas e elaborar atividades e exercícios em sequência de acordo com as demandas reais da turma. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.101). Continuando o tema relativo ao uso da Internet pelas novas gerações, propomos, então, aos alunos que tomassem um ponto de vista (contra ou a favor à afirmação: “o uso da Internet é um risco para a formação dos jovens”) e escrevessem um artigo de opinião, segundo condições de produção especificamente determinadas. Eles tiveram em torno de 40 minutos para a atividade, sendo que muitos deixaram para entregar para a professora da turma na aula seguinte. A proposta de produção também se encontra ao final deste trabalho, na seção *Apêndices*. Esse trabalho nos permite promover discussões com os alunos e observar as suas perspectivas, o que também é tarefa do investigador na pesquisa qualitativa.

Recolhemos, então, os textos apenas dessa produção inicial, antes de completar a última fase da sequência didática (trabalho de *reescrita*) – embora consideremos a extrema importância também deste momento para o trabalho de produção textual –, para que não haja a influência da correção do professor nas produções analisadas. Dessa maneira, poderemos

---

<sup>12</sup> PONTES, FELIPE. e MALI, TIAGO. A Internet está deixando você burro? *Galileu*, São Paulo, n. 229, p. 38-47, ago. 2010.

estabelecer uma comparação com os primeiros textos, observando se houve desenvolvimento do aluno quanto ao seu posicionamento como sujeito autor nas suas produções discursivas, priorizando, portanto, o percurso traçado pelo aluno, mas a partir de uma análise indutiva, como focaliza o método qualitativo.

Sabemos que a constituição dessa subjetividade é resultado de um trabalho de longo prazo. No entanto, propomo-nos a fazer essa breve interferência no trabalho da professora da turma, pois não temos (ou temos muito pouca) ciência de como ela procede no ensino de produção textual e, muitas vezes, o problema do não posicionamento do aluno em seus textos perante determinado assunto pode ser referente à carência de conhecimento a respeito do tema e do gênero textual e não necessariamente por não assumir sua autoria. Portanto, com essa intervenção, visamos garantir aos alunos subsídios para escreverem seus textos e, assim, descartar a possibilidade de a falta de subjetividade estar ligada à escassez de informação, considerando a importância do professor nesse processo de mediação.

A partir da coleta dos objetos de estudo, analisaremos os textos levando em conta o desempenho individual de cada aluno, procurando identificar *se* o jovem em tal estágio de nível médio consegue valer-se de escolhas linguísticas que o situe como sujeito autor responsável pelos seus discursos sabendo posicionar-se ideologicamente, e *como* ele demonstra essa subjetividade através dos indícios de autoria presentes (ou não) nos textos.

Posto que a nossa intenção não é comparar o desempenho dos estudantes das duas escolas participantes, não pretendemos confrontar os textos nesse âmbito. A escolha de duas escolas foi apenas para termos amostras diferenciadas e não apenas de uma só instituição de ensino, correndo o risco de direcionar a pesquisa. Tendo isso claro, procedemos à análise da seguinte forma: conforme a abordagem de pesquisa qualitativa, lemos superficialmente os textos solicitados na nossa aula a fim de destacarmos semelhanças entre eles; voltamos a ler com mais atenção o que foi marcado e confrontamos com a fundamentação teórica para estabelecermos categorias de análise (a saber: voz do outro e tomada de posição, recursos linguísticos, tipos de argumentos e presença de uma tese); selecionamos os textos viáveis de se analisar (isto é, aqueles cujos alunos autores produziram devidamente um texto em cada uma das fases de coleta), demonstrando se e como houve indícios de autoria; comparamos esses textos com os que foram pedidos pelas professoras antes de trabalharmos o artigo de opinião com a turma para observarmos se o conhecimento do gênero, as leituras prévias e as discussões em sala realmente foram significativos na construção do sujeito autor.

## 4 O SUJEITO AUTOR NOS TEXTOS DE BASE OPINATIVA

Conforme visto em Possenti (2002), um texto é considerado de qualidade apenas em termos discursivos, expressos pela singularidade e pela tomada de posição do autor, assim conferindo à produção textual densidade, historicidade e sentido dentro de um contexto.

No entanto, não só assumir uma determinada opinião e argumentar coerentemente por meio delacomo também dar tessitura ao texto através de recursos linguísticos (como o uso de operadores argumentativos, retomadas coesivas, adjetivação ou outros modelizadores) é o que lhe atribui autoria e estilo, considerando em especial os gêneros de base opinativa e, mais especificamente, o artigo de opinião, posto que é nosso foco de pesquisa.

Nesse capítulo, portanto, procederemos à análise dos textos produzidos pelos alunos, procurando sempre contrapor os textos da primeira e da segunda fase de coleta, de maneira a observar se o trabalho com a sequência didática surtiu algum efeito no momento das produções. Para tanto, analisaremos segundo os seguintes critérios: a voz do outro e a tomada de posição, recursos linguísticos, tipos de argumento, tese e gênero discursivo.

### 4.1 A SUBJETIVIDADE E O ESTILO NAS CATEGORIAS FORMAIS

#### 4.1.1 A Voz do Outro e a Tomada de Posição

Para Possenti (2002), são sujeitos autores aqueles que bem articulam a voz do outro dentro do texto e mantêm-se distantes da própria produção. Isto é, aqueles que incorporam discursos e opiniões correntes, marcando de onde vieram através de recursos lexicais que impliquem avaliação explícita ou neutra do autor (verbos de dizer, denominações; adjetivações etc); procuram causar efeitos de humor ou ironia; assumem opiniões como suas, mesmo com a noção de que é um discurso já antigo; fazem relações históricas, confiando no conhecimento de mundo e enciclopédico do leitor; antecipam-se ao seu interlocutor, explicando sentido de palavras ou já rebatendo possíveis argumentos contrários; e, principalmente, procuram usufruir de todos esses recursos organizando-os segundo um estilo

particular, pois o sujeito tem consciência de que vai sempre se retratar a discursos já presentes na sociedade, mas os diferencia pelo modo como os enuncia.

Nos artigos de opinião dos alunos de nossa pesquisa, encontramos alguns exemplos dessa marcação da voz do outro, embora a maioria seja apontada de maneira bastante sutil. Grande parte dos alunos ainda não dialoga com essas vozes, marcando-as inadequadamente ou trazendo variados discursos, especialmente do senso comum, mas sem organizá-los no texto. Para explicitar a análise, selecionamos as produções de três alunos, das quais mostraremos trechos ou o corpo completo, comparando sempre o produzido nas suas duas fases de coleta<sup>13</sup>.

No *Exemplo 1*, o aluno B1 revela um bom trabalho com as vozes que chama para seu texto e também demonstra sua posição perante a elas:

**EXEMPLO 1:**  
**(Aluno B1 – Texto da 2.ª fase de coleta)**

Internet, formadora de grandes mentes rápidas

Ao contrário do que alguns antigos mestres e doutores falam, a internet não tem apresentado grandes riscos a mente e a aprendizagem dos jovens dos dias de hoje, especialistas atuais tem mostrado em suas pesquisas que o uso da internet, tem sido benéfica aos jovens, tendo por consequência altos níveis de eficiência e eficácia.

Estudos recentes de Neurologia e de Neuropsicologia mostram que com o uso da internet e de jogos em rede, jovens tem utilizado áreas do cérebro que com uma simples leitura não seriam ativadas. (...)

Já com o título, o aluno toma a posição que pretenderá defender no seu texto, a partir dos vocábulos empregados: “formadora”, “grandes” e “rápidas”, isto é, a Internet é apresentada com uma conotação positiva. Logo, o leitor já faz a inferência de que, provavelmente, o autor defenderá que a ferramenta não causa danos aos jovens, mas torna suas mentes mais ágeis. Partindo para a leitura do primeiro parágrafo, reafirmamos essa inferência pelos discursos assumidos pelo autor: “a internet não tem apresentado grandes riscos a mente e a aprendizagem dos jovens dos dias de hoje” e “o uso da internet tem sido benéfica aos jovens, tendo por consequência altos níveis de eficiência e eficácia”. No entanto, para construir essas afirmações, o aluno dialoga com no mínimo duas vozes: a dos antigos mestres e doutores e dos especialistas. Com a primeira frase, por exemplo, “Ao contrário do que alguns antigos mestres e doutores falam” deixa-nos ciente de que a afirmação que vem em seguida não pertence a estes estudiosos e, mais do que isso, explicita o discurso

<sup>13</sup> Todos os textos dos alunos serão transcritos respeitando o original, mantendo, inclusive, os prováveis problemas ortográficos, gramaticais e estruturais.

supostamente proferido por eles de que a Internet causa danos à mente e ao aprendizado da juventude, ao qual o nosso autor posiciona-se claramente contra. Já na segunda afirmação, o aluno chama para concordar com ele a opinião dos “especialistas atuais”, atribuindo autoridade e credibilidade à sua posição, uma vez que sozinha ela seria apenas a visão de um estudante.

Também no parágrafo seguinte, o autor se utiliza da mesma estratégia, trazendo à tona a voz dos “estudos recentes de Neurologia e de Neuropsicologia” para reforçar sua tese, o que se caracterizará como um argumento de autoridade, a ser abordado mais detalhadamente no item 4.1.3.

Interessante ressaltar que, embora ele cite também estudos e conceitos provavelmente pesquisados, alguns deles foram tirados dos próprios textos base trabalhados em sala de aula como ativação da discussão prévia ao exercício de produção textual. Entretanto, o aluno não copia, mas aproveita-se dos discursos conhecidos para reforçar a sua posição. Essa percepção nos leva a crer que o trabalho com a sequência didática tenha surtido algum efeito na produção do aluno.

Por outro lado, observamos no primeiro texto desse aluno que os conhecimentos relativos à estrutura do gênero e de argumentos de base científica e estatística ele parece já ter. Ou seja, a qualidade da estrutura textual manteve-se basicamente a mesma, porém ainda assim, nota-se alguma influência da aula do pesquisador ao contrapor ambos os exemplos:

**EXEMPLO 2:**  
(Aluno B1 – Texto da 1.ª fase de coleta)

Marcha da maconha, a luta da minoria leiga

De acordo com a reportagem “Supremo libera marcha da maconha em todo o país” do dia 16 de junho de 2011, anunciou a decisão do Supremo Tribunal Federal que se manifestou dizendo que a marcha não poderia ser proibida, já que tal é uma manifestação de ideias de uma pequena parcela da população brasileira. A marcha da maconha que por sua vez, tem o intuito de legalizar a venda e o uso da droga, mas enquanto o STF e uma pequena parcela da população brasileira permite e fazem a marcha a maior parte da população brasileira trabalha, estuda e luta contra a legalização e tentam incitar que seus filhos passem a usar e a lutar pela canabis.

(...)

Ao meu ponto de vista se as pessoas se preocupar em estudar para ter melhores condições de vida pois através da educação deixamos de ler alienados e passamos a entender os riscos da droga para toda Sociedade.

O título dessa vez nos é mais informativo que argumentativo, não denotando claramente qual a posição do autor em relação à marcha da maconha, provável assunto tratado pela professora da turma ao passar a proposta de escrita. No entanto, mantém o mesmo estilo

do título anteriormente mostrado, isto é, uma formatação colocando em evidência o tema principal, seguido por uma vírgula e um aposto explicativo.

Em sequência, o aluno passa a trazer novamente as vozes do suposto texto base, mas dessa vez diretamente remetida à fonte. A voz do Supremo Tribunal Federal também é apontada, marcada por “se manifestou dizendo” e, dentro da justificativa dada pelo órgão, introduzida pelo operador “já que”, também fica explícita a voz da “manifestação de ideias de uma pequena parcela da população brasileira”. O parágrafo segue com uma estrutura bastante confusa, mas da qual conseguimos tirar tanto as vozes novamente do “STF” e da mesma “pequena parcela da população brasileira”, quanto a posição contra da “maior parte da população brasileira”, que, segundo o aparente encadeamento de ideias do autor, é provavelmente representada por pais, posto que as vozes anteriores “tentam incitar que seus filhos passem a usar e a lutar pela cannabis”.

Nos parágrafos seguintes, o aluno passará, como no *Exemplo 1*, a citar uma pesquisa e detalhar os seus dados, passando a assumir verdadeiramente sua posição apenas no último parágrafo. A diferença entre os textos é que, no da primeira fase (*Exemplo 2*), o aluno demonstrou conhecer o objetivo argumentativo do artigo de opinião, no entanto, não se aproveitou dos dados colocados para reforçar seu ponto de vista, não deixando clara sua tese inicial e passando a argumentar de fato apenas no último parágrafo. Já no da segunda fase (*Exemplo 1*), embora siga o mesmo estilo de se apoiar em diversas citações, ele as aproveita para construir sua linha argumentativa. Essa organização mais estruturada de tese e argumento pode estar refletindo o encaminhamento da sequência didática em que se destacou a tessitura do gênero a partir da modelização realizada.

Como um terceiro exemplo, trazemos o texto da primeira fase da aluna A1, da Escola A, considerando que a professora também solicitou um artigo de opinião com o tema das drogas:

**EXEMPLO 3:**  
(Aluno A1 – Texto da 1.ª fase de coleta)

Drogas

Eu acho que muitas pessoas usam drogas por varios motivos:

- \* Muitos não tem o amor dos pais ai acabam entrando nessa vida.
- \* Muitos já cresce vendo os pais se droga e crescem com aquilo na cabeça, e continua com que os pais já faz.
- \* Muitos fazem de pirraça para os pais, porque os pais proibe eles de andar com os amigos ai eles ficam revoltado e acaba se enfiando a cara na droga.

A princípio, esse aluno demonstra não ter conhecimento sobre esse gênero, uma vez que o redigiu em tópicos. Além disso, seu único indício de sujeito autor seria a subjetividade marcada por “eu acho”, embora não introduza, afinal, nenhuma opinião própria. No entanto, podemos perceber uma tentativa de se remeter à voz de outrem quando cita que “muitas pessoas usam drogas por varios motivos”, isto é, introduz os prováveis motivos de uma pessoa ao entrar no mundo das drogas, apesar de fazê-lo de maneira gratuita, pois não dialoga com eles nem os utiliza como reforço de uma argumentação, já que essa não existe.

Em comparação a esse exemplo, trazemos o texto do mesmo aluno A1, mas da segunda fase:

**EXEMPLO 4:**  
(Aluno A1 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

“A internet na vida dos Adolescentes”

“A internet não é uma má influência para quem sabe utilizar”

A internet ajuda muitos jovens nos seus estudos, muitos pais de jovens falam que a internet é uma má influência, por que várias garotos já foram vítimas de pedofilia, mas na verdade essas vítimas já sabia que não se devem marcar encontros com quem não conhecem, se marcaram não é culpa da internet e sim delas.

Se um pedofolo está conversando com uma jovem, e marca encontro com ela, é ela que vai decidir se ela vai ou não vai se encontrar com ele. E os pais tem que estar sempre atentos com quem seus filhos falam no MSN.

A internet ajuda muitas pessoas de responsabilidade nos estudos etc, e nunca vai ser má influência para jovens que saiba à usar.

By: A1<sup>14</sup>

Embora o texto apresente diversos problemas, percebemos já na própria formatação a diferença do anterior, o que indica uma forte e positiva influência da sequência didática trabalhada pelo pesquisador. Deixando as questões do gênero para serem tratadas posteriormente e nos atendo ao tópico, já percebemos aqui uma possibilidade maior de enxergar a tomada de posição e inserção de vozes, não obstante ainda não bem organizada. O título é ainda genérico, mas a gravata aponta já uma orientação da posição a ser assumida pelo autor, servindo praticamente como uma tese. Essa posição volta a ser repetida na conclusão quase com as mesmas palavras, o que dá a sensação de não desenvolvimento da argumentação.

Quanto à voz do outro, ela é invocada para iniciar um argumento do autor, nesse caso, em relação à opinião de “muitos pais” sobre o perigo da internet quanto à pedofilia. Assim, o

---

<sup>14</sup> Assinado com o nome do aluno e substituído por nós por A1.

aluno coloca o argumento oposto ao seu, rebatendo-o na frase seguinte, o que fica claramente marcado pelo uso do operador “mas” indicando a tomada de posição contrária na sequência.

Contudo, o sujeito autor desse texto é ainda bastante rudimentar. Percebe-se clara evolução em comparação ao primeiro texto, mas falta ao segundo atribuir densidade e articular melhor os argumentos. A argumentação por exemplificação trazida pelo autor (sobre a pedofilia) fica deslocada do seu início “a internet ajuda muitos jovens nos seus estudos” e da conclusão “a internet ajuda muitas pessoas de responsabilidade nos estudos etc”, que, inclusive, continua a repetir o mesmo discurso sem nenhum desenvolvimento do assunto. Além disso, o autor não procura trabalhar o texto a partir de um estilo inusitado, mas utilizando itens lexicais repetitivos.

No entanto, observamos a mesma ocorrência do *Exemplo 1*: a argumentação foi também baseada nas discussões em sala, dessa vez, sobre a pedofilia, o que novamente nos leva a um entendimento positivo da aplicação da sequência didática, uma vez que permite ao aluno traçar antecipadamente reflexões a respeito do tema antes de desenvolvê-lo.

Também da Escola A apresentamos o exemplo do aluno A2, que não traz praticamente nenhum indício de marcação da voz do outro:

**EXEMPLO 5:**  
(Aluno A2 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

A internet na vida dos jovens.

A internet a vida dos jovens é um meio de pesquisar trabalhos de escola e faculdade, também para se comunicar com parentes distantes para não usar o telefone que sai muito caro ligações de longa distância.

A internet foi criada para usarmos com sabedoria sem abusarmos desse modo de pesquisa, a rapidez da internet nos possibilita nos comunicar com nossos parentes distantes, podemos mandar e-mails, fazer trabalhos com agilidade, também podemos interagir e conhecer novas pessoas, novos amigos por exemplo: no facebook podemos interagir e comparar varias coisas com todos, no msn podemos conversar com muitas pessoas ao mesmo tempo, o que por telefone não conseguimos.

A internet e uma boa ferramenta de trabalho e pesquisa, só temos que saber usa-la.

By: A2<sup>15</sup>

De forma extremamente genérica, o aluno, nesse caso, apresenta várias descrições do senso comum de o que representa a Internet. A princípio, ele elenca os argumentos pretendidos, porém, não sabe empregá-los, tornando o texto confuso e sem desenvolvimento. Assim como não aparece argumentação de fato, uma vez que a tese acaba sendo apresentada verdadeiramente apenas no último parágrafo, também não apresenta a voz do outro em

---

<sup>15</sup> Assinado com o nome do aluno e substituído por nós por A2.

momento algum. Isto é, os discursos correntes da sociedade são logicamente perceptíveis, mas o aluno não os atribui devidamente a um outro e nem estabelece com eles um diálogo a ponto de incorporá-los de sentido argumentativo. A tentativa de exemplificação do autor acaba por não passar de uma descrição, pois não está procurando defender um ponto de vista. Além disso, a posição será tomada somente no último parágrafo, através do adjetivo avaliativo “boa”, momento em que se formula finalmente a tese do texto. Portanto, o sujeito autor nesse texto não é aparente, escondendo-se atrás de supostos argumentos.

Modo semelhante ocorre no texto da primeira fase:

**EXEMPLO 6:**  
(Aluno A2 – Texto da 1.<sup>a</sup> fase de coleta)

Drogas

A droga é muito comum em nossa vida, andamos pelas ruas e não olhamos em nossa volta, muitos traficantes, viciados em cocaína, crack maconha. Chegam a matar pessoas, tem alusinação e acabam fazendo loucuras por toda parte. As pessoas se apóiam nas drogas, se batem, brigam, e falam que é o efeito das drogas.

A cada dia esse mal se torna mais comum, mais frequente. A maioria da população usa droga principalmente a maconha, o ideal seria a legalização da maconha eu aprovo, mas também discordo pois se legalizarmos, vamos ter que legalizar o resto das drogas. Varios são os motivos para começar nas drogas, não tem o amor aos país, vêem os país se drogar e começam nessa também, mas é claro que isso não é motivo para o uso das drogas isso é uma desculpa.

Assim como o texto anterior, o aluno A2 busca trabalhar com exemplos em seu texto, entretanto, sem lhes atribuir valor argumentativo, apenas servindo como informação adicional. A voz do outro não é em nenhum momento contemplada e a tomada de posição é apenas percebida no trecho: “o ideal seria a legalização da maconha eu aprovo”, seguido de outra tomada de posição totalmente contraditória: “mas também discordo pois se legalizarmos, vamos ter que legalizar o resto das drogas”. Com isso, deparamo-nos com um sujeito autor em contradição, isto é, com um texto sem densidade e autonomia. Apesar de uma certa diferença ser perceptível de uma fase para a outra, uma vez que no *Exemplo 5* pelo menos a posição tomada é aparente e não conflitante, o sujeito ainda não consegue desenvolver sua autoria.

Podemos perceber diante desses textos que naqueles em que o sujeito autor é mais atuante, os recursos linguísticos são também melhor organizados, como, por exemplo, os operadores argumentativos, as retomadas coesivas, o emprego de adjetivos e advérbios avaliativos, o que confere maior profundidade e consistência à produção. É sobre os usos dessas formas linguísticas que segue a análise no próximo item.

#### 4.1.2 Recursos Linguísticos

Extremamente relacionados à voz do outro e à tomada de posição, está o trabalho com os recursos linguísticos para a textualização argumentativa e a autoria, afinal, conforme organizados no texto, também deixam entrever determinados discursos.

Conforme apresentado por Koch (1993), a coesão é o que atribui tessitura ao texto e os conectores e demais articuladores textuais ajudam justamente a estruturar tal relação entre os diversos segmentos, dando a deixa, muitas vezes, para a argumentação. Por esse motivo é que Koch (1987) vem a denominá-los *operadores argumentativos* ou *discursivos*, ou seja, organizadores da sequência e orientação discursivas que impulsionam a progressão textual.

Outro mecanismo coesivo através do qual podemos evidenciar o sujeito autor é a referenciação, pois a retomada de determinado elemento leva, segundo Koch (1993), à caracterização, reconstrução e, até mesmo, avaliação desse referente, contribuindo, assim, para a constituição da densidade e historicidade textual.

Além disso, a fim de perceber a conotação avaliativa aplicada pelo autor, podemos ainda examinar os modificadores presentes no texto, definidos por Cabral (2010) como atenuantes ou reforçadores dos predicados de um enunciado.

Diversos outros recursos linguísticos poderiam nos auxiliar na localização do sujeito autor no texto, entretanto, por questão de se manter um foco de análise, concentrar-nos-emos na observação das retomadas coesivas mais marcantes, dos operadores argumentativos e dos adjetivos modificadores mais relevantes para a textualização argumentativa.

Retomando o *Exemplo 5*, podemos lembrar o emprego pelo aluno A2 do adjetivo “boa” para caracterizar a “ferramenta” (Internet). Nesse caso, o adjetivo atua como um modificador, pois, em um texto em que a opinião do autor era quase que apagada, o “boa” aparece para avaliar positivamente a Internet, deixando transparecer, afinal, a opinião do aluno, embora pouco desenvolvida.

Contudo, nesse mesmo exemplo, temos um texto bastante fraco no emprego das anáforas referenciais: há uma repetição desnecessária, por exemplo, da estrutura “a internet”. O mesmo referencial é utilizado em praticamente todas suas retomadas: “a internet na vida dos jovens” (título); “a internet na vida dos jovens é um meio de pesquisar...” (1º. parágrafo); “a internet foi criada...” (2º. parágrafo); “a rapidez da internet nos possibilita...” (2º.

parágrafo); “a internet é uma boa ferramenta...” (último parágrafo). A única ocorrência de uma retomada desse termo que não seja a sua simples repetição é no segundo parágrafo: “... sem abusarmos desse *modo de pesquisa*”. Mesmo assim, essa classificação, embora possamos entender como uma tentativa de caracterização, não procede, pois a denominação fica muito aquém da verdadeira possibilidade de extensão e utilização da ferramenta.

A mesma carência pode ser observada no *Exemplo 7*:

**EXEMPLO 7:**  
(Aluna A3 – Texto da 1.ª fase de coleta)

Drogas

As pessoas entram nas drogas para sair da realidade da vida, para ter sensações que não podem ter na vida.

As drogas são coisas feita para quem usa como se fosse um remédio que faz com que eles usem.

Pessoas que acabam entrando nesse mundo e pessoas que tem problemas em casa com suas famílias e amigos. Achando assim que para eles acabam com isso. cada momento que eles usam eles acabam não ficando só nisso, acabam indo para um caminho que não tem mais volta.

As pessoas acham que a pessoa fazendo acompanhamentos elas não voltam mais, mais tem pessoas que acabam voltando para as drogas, pois podem ficar só um 1 ano ou 2 anos mais acabam não conseguindo, acabam caído na tentação.

A repetição demasiada, nesse caso, especialmente do vocábulo “pessoa” e “drogas” deixa o texto estagnado, sem fluidez e desenvolvimento, da mesma forma que a repetição da estrutura “acabam entrando”, “acabam não ficando”, “acabam com isso”, “acabam indo”, “acabam não conseguindo”, “acabam caído na tentação”. No segundo parágrafo, o aluno tenta fazer uma retomada provavelmente de “quem usa como se fosse um remédio” utilizando o pronome pessoal “eles”, porém, não o faz de modo adequado, uma vez que seria desnecessária essa referência. No parágrafo seguinte, o autor continua reiterando novamente “eles”, mas já não se sabe se é relativo ao mesmo referente do parágrafo anterior ou a “pessoas que acabam entrando nesse mundo e pessoas que tem problemas em casa com sua família e amigos”, o que traria um erro de concordância.

A ideia de argumentação no texto é ausente, assim como praticamente o é também o uso de operadores argumentativos. Apenas no último parágrafo iremos nos deparar com algumas ocorrências. O autor inicia buscando marcar a voz do outro: “as pessoas acham que a pessoa...”, contudo, é uma marcação extremamente vaga e sem densidade, uma vez que o leitor já não sabe mais a que “pessoas” o autor está se referindo. Além disso, o período é extremamente intrincado, fazendo o leitor esforçar-se para buscar referenciais externos e de contexto para o entendimento. O emprego do operador “mais” (em lugar de “mas”) aparece

duas vezes. Na primeira ocorrência, o “mais” (mas) marca corretamente uma oposição, contraponto a voz do que as “pessoas” acham com a sua própria. Na segunda, sua utilização já é um pouco mais confusa, isto é, pretende marcar novamente uma oposição, porém, devido à informação anterior mal elaborada “podem ficar só um 1 ano ou 2 anos”, a informação seguinte “mais acabam não conseguindo” não se encaixa exatamente bem, posto que a ideia parece ser a de que as pessoas drogadas já submetidas a tratamento voltam às drogas depois de um ou dois anos, no entanto, da forma colocada pelo autor pode-se estabelecer a conclusão de que tais dependentes químicos não conseguem ficar nem mesmo um ou dois anos longe das drogas.

Do mesmo modo, o operador “pois” não é adequadamente empregado: ele deveria introduzir um motivo para o acontecimento anterior, no caso o fato de existirem “pessoas que acabam voltando para as drogas”, entretanto, não dá a causa, mas uma informação explicativa adicional, podendo ser substituído talvez por “ou seja” ou “isto é”, o que constituiria, inclusive, um dos indícios de autoria indicados por Possenti (2002), o distanciamento do autor, detalhando para seu interlocutor a ideia pretendida, a fim de que ele possa melhor entendê-la.

Voltando-nos para o texto do mesmo aluno na segunda fase de coleta, temos ainda um problema semelhante:

**EXEMPLO 8:**  
(Aluno A3 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

A Internet influencia sim nos jovens.

A internet ela ajuda os jovem, mais ao mesmo tempo ela influencia sim a formação dos jovens. Pois eles se basean naquilo que eles ouven, falam e vem.

A maneira com que os jovens se expressão suas linguagens com gírias, com formas eradas de se escrever. Mesmo se eles escreverem errado, vez de eles se corrigirem, eles acabam não se corrigem, eles acham certo a maneira errada de se escrever.

(...)

Novamente há no texto do aluno A3 várias repetições desnecessárias. Primeiramente, há a tentativa de se substituir “a internet” por “ela”, o que causa já no primeiro período um problema de pleonasma, uma repetição desnecessária da mesma ideia: “a internet ela ajuda...”. Outro termo demasiadamente recorrente é “jovem”, substituído depois por “eles”, o que não soluciona o problema, pois a repetição passa a ser do pronome.

Quanto aos operadores argumentativos, podemos indicar especificamente o “pois” e o “mesmo se...”. Dessa vez, o valor argumentativo do “pois” é respeitado, uma vez que “eles se

basean naquilo que eles ouven, falam e vem” é, de certa forma, uma causa para “ela [a Internet] influencia sim a formação dos jovens”. No entanto, a sua utilização depois de um ponto não é adequada, pois interrompe a ideia, distanciando o motivo explicado pelo “pois” da afirmação anterior.

O operador “mesmo” indica a introdução de um argumento suplementar, seguido da condição estabelecida por “se”. O aluno parece realmente ter essa intenção ao aplicar o operador. O problema é que acaba trazendo o mesmo argumento e chegando na mesmíssima conclusão de antes, não realizando nenhum desenvolvimento complementar do tema, sem contar os frequentes períodos inacabados e confusos.

Também com problemas de coesão e referenciação no texto, citamos o exemplo seguinte:

**EXEMPLO 9:**  
(Aluno A4 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

Internet interfere na formação dos jovens

A internet é um meio de comunicação e informação, aonde a maioria da população tem contato com a internet.

Ela interfere na linguagem da população como por exemplo sites de bate-papo, orkut, Facebook, entre outros.

Perigo na internet, todos correm esse perigo, marcando encontros com pessoas que nunca viram na vida.

A linguagem é mudada no MSN, por exemplo VOCÊ, é escrito VC, MUITO, é escrito MTO.

(...)

Da mesma maneira que vimos anteriormente, o aluno A4 também faz o uso de repetições desnecessárias, especialmente de “internet”. No segundo parágrafo, ele ainda chega a retomar o referente empregando o pronome pessoal “ela”, porém, logo volta à mesma repetição. Isso é novamente observado em “perigo na internet, todos correm esse perigo...”, reiterando a mesma informação no começo mesmo período.

Quanto ao emprego de operadores argumentativos, praticamente não há. Apenas o uso do pronome relativo “aonde”, mas inequivocadamente, pois a relação entre as frases requer um pronome que complemente a regência de “ter contato”, podendo ser substituído nessa situação por “com que” ou “com o qual”. Contudo, observando a produção no geral, percebemos que o aluno não procura fazer qualquer relação entre os parágrafos ou mesmo entre períodos, parecendo várias informações soltas, tornando, assim, o texto “insosso”, para utilizar as palavras de Possenti (2002).

Comparando com o produzido pelo mesmo aluno na fase anterior, observamos ser essa uma característica recorrente em suas produções:

**EXEMPLO 10:**  
(Aluno A4 – Texto da 1.<sup>a</sup> fase de coleta)

Drogas

É um mal que afeta toda sociedade, interfere totalmente na vida de quem usa, desestrutura as famílias.

A droga leva para o caminho da morte ou cadeia.

A pessoa viciada não consegue ficar sem a droga, toda hora tem que usar, a pessoa fica alucinada, começa a roubar para conseguir a droga, começa a vender os moveis de sua casa, (...)

Os parágrafos novamente são soltos, sem que haja uma ligação entre as ideias. Não há tomada de posição e o texto novamente não evolui, não respeitando nem mesmo o tipo textual argumentativo requerido pelo gênero artigo de opinião. As repetições excessivas podem ser igualmente percebidas pelo termo “drogas”, e “a pessoa”, não conferindo características e historicidade ao texto. Embora o exemplo anterior, da segunda fase de coleta, apresente já um pequeno grau de melhora, em ambas as produções o sujeito autor é praticamente inexistente, pois não consegue organizar as informações, trazer a voz do outro e nem construir uma argumentação sua.

O texto seguinte do aluno B2, da Escola B, embora com vários problemas de estruturação, demonstra um melhor trabalho com os operadores argumentativos:

**EXEMPLO 11:**  
(Aluno B2 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

O risco da Internet nos Jovens

O jovem que não se deixa ser manipulado não sofre com as coisas ruins da vida online, pois só irá adiquirir bom conhecimento e estudos feitos, já o jovem facilmente manipulado se deixa levar até pela escrita errada, o problema não é a internet, mas sim o usuário.

Nesse exemplo, encontramos um sujeito pouco aparente, mas que assume uma posição, apesar de não desenvolvê-la. A repetição desnecessária é também encontrada no vocábulo “o jovem”, embora o autor caracterize-o de duas maneiras diferentes, contrapondo uma à outra. Um ponto interessante é a retomada de “internet” utilizando “vida online”, o que já causa no leitor um efeito de buscar no seu conhecimento enciclopédico o significado dessa referência, fazendo-o chegar à conclusão do conceito “internet” por si só, relacionando também com o título e o contexto.

Em relação aos operadores, o “pois” está, dessa vez, bem colocado de acordo com seu valor significativo, explicando o motivo de o jovem não sofrer “com as coisas ruins da vida online”. Contrapondo a esse primeiro, o autor usa com sucesso o operador “já”, para introduzir um novo “jovem”, caracterizado de forma negativa. Isto é, enquanto o primeiro “não se deixa ser manipulado”, o segundo é “facilmente manipulado”, descrição inclusive marcada pelo adjetivo modificador “manipulado”, que carrega em si uma conotação não muito boa, intensificado pelo “até pela escrita”.

Por fim, o aluno, ao construir sua tese, marca a voz do outro e toma a sua posição, através dos operadores “não” e “mas sim” na afirmação: “o problema *não é* a internet, *mas sim* o usuário”. Ou seja, ele admite haver quem ache a Internet o problema da formação do jovem (voz alheia), porém, assume o argumento de que, na verdade, é o próprio usuário (posição do autor).

Mesma relação ele faz no seu texto da primeira fase:

**EXEMPLO 12:**  
**(Aluno B2 – Texto da 1.ª fase de coleta)**

Libera ou não?

A liberdade de expressão está entre nos, a marcha da maconha foi liberada pelo STF.

(...)

Não é pela liberação da erva que o tráfico irá acabar, mas sim com o reforço do policiamento nos pontos de venda dos traficantes.

O aluno, apenas no último parágrafo, vai se posicionar contra a liberação da droga, depois de um texto basicamente informativo. Porém, para conseguir esse efeito, marca sua posição novamente pelo “mas sim...”, em contraponto aos discursos da parte da população que defende a liberação da maconha como forma de acabar o tráfico, introduzidos por “não é...”. Também em relação ao seu texto, a retomada de “maconha” é feita pelo vocábulo “erva” no final do texto, o que evita a repetição desnecessária e ainda caracteriza o objeto. O título traz um questionamento, o que contribui para conferir ao leitor uma gama de possibilidades de inferências antes de ler o texto.

Portanto, apesar de o aluno B2 parecer não saber ainda desenvolver seu argumento, não respeitando o gênero discursivo em questão, e apresentar diversas incorreções de pontuação e ortografia, o sujeito autor começa a ser mais aparente por razão da sua articulação dos operadores argumentativos, que atuam no auxílio da organização do plurilinguismo textual.

Podemos ainda cotejar o texto do aluno A5, que se aproxima de uma ideia de um sujeito autor mais definido:

**EXEMPLO 13:**  
**(Aluno A5 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)**

A rede mundial de computadores

A internet é uma ferramenta muito útil para todos, pois é um meio de interação, comunicação e informação, que tem utilidade em qualquer situação.

Podemos utilizar a internet para interagir com pessoas do mundo todo. Além da possibilidade de ter novas experiências, conversando com pessoas de outros lugares, também podemos trocar informações com amigos e familiares.

Vale lembrar que além do lazer, a internet proporciona acesso à pesquisas escolares, perfeccionais e é um ótimo meio informativo, já que existem sites de notícia, atualizados constantemente.

Devemos rever nossos conceitos ao criticar esta ferramenta fantástica. Como todas as outras coisas, se a internet for usada com sabedoria, só trará benefícios a seus usuários.

O texto é construído com densidade e autoria na medida em que articula as vozes discursivas conforme o emprego dos operadores argumentativos para dar sentido e força a seus argumentos.

A começar pelo título, o leitor deve retomar seu conhecimento de mundo para fazer a ligação de que “a rede mundial de computadores” está significando e já descrevendo a “internet”. Na introdução, ao proferir sua tese, o autor deixa clara a sua defesa da rede como uma “ferramenta muito útil para todos”, explicando o porquê dessa tomada de posição a partir do operador “pois”.

O segundo parágrafo é composto por uma afirmação inicial, a qual ele retoma e adiciona novas informações, utilizando o operador “além de” combinado a “também”, reforçando, assim, o seu argumento de que a Internet possibilita uma conexão não só com pessoas diversas do mundo, como também o contato com amigos próximos. Ao se apropriar desses operadores, o autor insere em seu texto a voz alheia, pois dizer “além de” pressupõe que a afirmação antes veiculada é uma opinião já corrente, conhecida e, provavelmente, partilhada entre o senso comum. O que ele faz, portanto, é reiterar esse conhecimento comum e completá-lo a fim de enriquecê-lo e tomá-lo como seu posicionamento.

Em seguida, o aluno inicia seu novo parágrafo com a estrutura “vale lembrar que”, a qual, além de estabelecer uma conexão com as partes anteriores do texto, introduzindo uma nova, ele faz o leitor retomar experiências e discursos já conhecidos e prepara-o para um novo argumento. Ao continuar com “além do lazer”, o autor recupera as informações do parágrafo

anterior, resumindo-as na denominação “lazer” e abrindo espaço para um argumento diferente.

Logo, em adição ao “lazer”, o autor agora insere o tópico “pesquisa” como também um ponto favorável à Internet, caracterizando-a como um “ótimo meio informativo”, o que carrega o peso avaliativo positivo do adjetivo modificador “ótimo”, demonstrando também a opinião do autor. Para intensificar e esclarecer essa nova posição enunciada, o aluno faz proveito do operador “já que”, o qual retoma não só as informações veiculadas imediatamente precedentes, mas também as que o leitor provavelmente já conheça e confia que ele compartilhe das mesmas experiências em relação à existência de “sites de notícia, atualizados constantemente”, cativando o leitor a concordar com a opinião defendida no texto.

Finalmente, tecendo sua conclusão, o aluno faz o leitor voltar a pensar sobre o assunto a fim de convencê-lo a rever seus conceitos e concordar com os argumentos expostos. Além disso, a partir da retomada coesiva referencial de “internet” por “esta ferramenta fantástica”, o autor reforça tudo o que foi elencado e, ainda, caracteriza e demonstra sua avaliação através do adjetivo “fantástica”, o que constitui um estilo próprio, uma escolha vocabular perspicaz e bastante propícia ao efeito de convencimento que se pretende promover. Para finalizar, ao utilizar a estrutura “*se a internet for usada com sabedoria*”, ele exclui da vantagem proferida a seguir todas aquelas opiniões contrárias, rebaixando-as como não sábias.

O sujeito autor, portanto, é muito bem delineado nos textos do aluno A5, como vemos também na sua produção da primeira fase de coleta:

**EXEMPLO 14:**  
(Aluno A5 – Texto da 1.ª fase de coleta)

As drogas e suas consequências

Bem sabemos quão maléficas são as drogas. Além do prejuízo pessoal que causa a seus usuários, também devasta a vida das famílias.

Desde que somos apenas crianças ouvimos falar das consequências que a droga traz. Sabemos que qualquer tipo de droga acaba com a saúde, traz danos irreversíveis, desestrutura as famílias, sem falar dos problemas financeiros. Muitas das vezes as famílias não sabem como lidar com essa situação, por já se encontrarem nela.

Os pais precisam sentar e conversar com seus filhos, explicar que as drogas só trazem com si coisas extremamente ruins, esclarecer esta questão, alertar. Não existe melhor remédio que a prevenção. Jovens bem esclarecidos se tornam presas mais difíceis desse caminho. Com uma boa estrutura familiar, teremos cidadãos mais conscientes, ou seja, o que é passado dentro de casa, acaba sendo transmitido para nossa sociedade.

Da mesma forma, o aluno articula seu texto a partir da inserção de vozes e dos operadores argumentativos. Chamando a atenção apenas para algumas estruturas desse

segundo texto, temos, a princípio, a construção inicial “bem sabemos quão maléficas são as drogas”. Esse trecho é muito bem utilizado, pois o autor já indica a responsabilidade pela posição que vai assumir e junto retoma todas as vozes que têm o mesmo discurso contra as drogas. Imediatamente na sequência, ele se utiliza novamente do conectivo “além de”, remetendo-se ao que já deve ser próprio desse discurso e, ainda, soma um novo argumento, moldando sua tese.

Outra estrutura que vale a pena ser destacada é o início do segundo parágrafo: “desde que somos apenas crianças ouvimos falar das consequências que a droga traz”. Dessa maneira, o autor não só recupera as vozes que falam contra as drogas para as crianças, como faz o leitor remeter-se a sua própria historicidade e constatar a provável veracidade da afirmação.

No último parágrafo, o aluno enuncia claramente sua posição, pronunciando-a com alto teor argumentativo, por exemplo, no trecho “não existe melhor remédio que a prevenção”. Assim, leva ao convencimento do leitor, não dando outra alternativa, mas assumindo sua posição e defendendo-a como a melhor, o que é o objetivo do gênero artigo de opinião.

Importante ainda observarmos a escolha lexical do autor na passagem: “Jovens bem esclarecidos se tornam presas mais difíceis desse caminho”. O adjetivo modificador “esclarecido”, acompanhado do adjunto adverbial “bem”, transforma as características do “jovem”, atribuindo-lhe a força e o vigor do esclarecimento. Ao se utilizar do vocábulo “presas”, o autor impinge uma avaliação daqueles que não são esclarecidos, colocando-os como passivos e frágeis diante das drogas “devoradoras” e “canibais”. O emprego de “desse caminho” é uma retomada coesiva bastante eficiente, pois evita repetir “droga” e caracteriza-a como um dos possíveis caminhos a serem seguidos, isto é, uma opção excludente, uma vez que, em uma bifurcação, optar por uma estrada é deixar para trás a outra.

Por fim, o aluno A5 utiliza-se de uma estrutura nenhuma vez empregada em todos os outros textos analisados, o “ou seja”. Essa construção, conforme Possenti (2002), marca a posição do autor em relação aos seus interlocutores, antecipa a reação do outro e procura explicar-se perante ele, esclarecendo o sentido exato que se quis aplicar determinada palavra ou ideia, traduzindo-as para o leitor, analisando-as e até mesmo avaliando-as.

Nesse caso do uso dos recursos linguísticos, não é possível assegurar a interferência da sequência didática no aprimoramento dos referenciais e dos operadores, até mesmo porque pouco a respeito chegou a ser tratado em sala de aula. Para poder afirmar isso, seria necessário desenvolver um trabalho contínuo de aplicação de sequências didáticas,

focalizando essa questão. No entanto, a modelização do gênero com a apresentação de um exemplo e exercícios reflexivos sobre os operadores argumentativos e referenciação são extremamente importantes, visto o grande valor que as suas ocorrências e o seu uso variado dão ao surgimento de um sujeito autor e, conseqüentemente, à percepção do estilo.

Portanto, quando bem articulados os encadeamentos argumentativos, combinando-os com as posições enunciadas, o sujeito atribui autoria e credibilidade a seu texto, isto é, consegue atingir o objetivo do artigo de opinião de convencer o leitor de sua opinião. Para isso, o autor deve construir bem sua tese e aproveitar-se dos diversos tipos de argumento para reforçá-la e legitimá-la.

#### 4.1.3 Tipos de Argumentos

Um dos problemas nas produções analisadas tem sido a falta de argumentação a favor de seu ponto de vista enunciado ou a argumentação contraditória, normalmente causada por uma tese não bem definida. Na sequência didática aplicada em sala antes da proposta de escrita do artigo de opinião, foram trabalhados, especialmente, cinco tipos de argumentos, a saber: de autoridade, por exemplificação, estatístico, científico e histórico, a fim de disponibilizar aos alunos mais uma ferramenta para dar consistência aos seus textos.

Embora muitos deles tenham feito a tentativa de usá-los, outros não conseguiram ainda casá-los com a tese de modo a constituí-los como força argumentativa. É o que acontece com o texto do *Exemplo 5*, como já vimos. Embora o aluno A2 já apresente uma propensão maior a argumentar, se comparado a sua produção da primeira fase, vista no *Exemplo 6*, ele acaba apenas expondo informações e exemplificações, sem atribuir valor argumentativo, uma vez que sua tese é apenas realmente delineada no último parágrafo.

O tipo argumentativo por exemplificação é o que aparece com mais frequência entre os textos, como podemos ver no exemplo da 2.<sup>a</sup> fase do aluno B3:

**EXEMPLO 15:**  
**(Aluno B3 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)**

O Risco da Internet

Como qualquer coisa do mundo, a internet pode oferecer riscos se usada inadequadamente, mas se for usada de forma correta pode trazer inumeros

benefícios, como auxiliar a pessoa em pesquisas, mate-la informada de acontecimentos no mundo, interação social, etc.

A internet nos dá um amplo espaço de pesquisa, nos permitindo comparar ideias facilmente sem precisar sair de casa... Nos permite ter ideias de acontecimentos de outro canto do mundo.

A exemplificação é introduzida, nesse caso, pelo termo “como”, enumerando os benefícios do uso da Internet e, assim, buscando sustentar a tese de que é possível ver a rede como uma boa ferramenta, apresentando ao leitor situações nas quais isso acontece. No segundo parágrafo, a exemplificação vem como maneira de explicar o porquê o autor a classifica como “espaço de pesquisa”.

Além desse tipo de argumentação, o aluno faz uma referência que, embora extremamente genérica, atribui um mínimo de historicidade ao artigo: “como qualquer coisa do mundo, a internet pode oferecer riscos se usada inadequadamente”. Isto é, remeter-se a outros elementos que proporcionariam os mesmos riscos leva o leitor a buscar na sua experiência uma comparação e provável confirmação do afirmado.

Os argumentos desse exemplo são ainda bastante simples, não buscando a evolução do texto em direção ao convencimento de fato do leitor. No entanto, se comparado a sua primeira produção, certamente constatamos uma diferença:

**EXEMPLO 16:**  
(Aluno B3 – Texto da 1.ª fase de coleta)

A liberação da marcha da maconha não poderia ser proibida, pois toda pessoa tem o direito de se expressar. Mas a marcha em si gera muita polemica, pois, ela acaba fazendo apologia a droga.

Sou a favor da liberação da marcha, pois quem quer se expressar tem que buscar formas de como fazer isso, e essa foi uma delas. Mas sou contra a liberação da droga, pois as pessoas não vão conseguir ter controle para consumir e o governo controle de vendas. Mesmo com a liberação, ainda ira ter crimes e trafico.

Apesar de haver uma certa tomada de posição, marcada por “sou a favor” e “mas sou contra” e um teor argumentativo, entendemos ser complicado enquadrar tal texto como artigo de opinião. Em primeiro lugar, não apresenta um tese clara e definida a ser defendida. Também a voz do outro não é remetida e a tomada de posição é inserida sem uma construção argumentativa introdutória. Os argumentos são fracamente defendidos e sem consistência, apesar da tentativa não muito bem sucedida de se introduzir uma exemplificação em “mesmo com a liberação, ainda ira ter crimes e trafico”.

Portanto, vemos que a sequência didática surtiu algum efeito para esse aluno, pois a tese e os argumentos ao menos se apresentaram melhor definidos no *Exemplo15*, não obstante ainda incipientes.

No mesmo sentido, podemos enquadrar o aluno B4, que, em sua primeira produção, tomou uma posição contra a liberação da maconha, mas pouco argumentou:

**EXEMPLO 17:**

**(Aluno B4 – Texto da 1.ª fase de coleta)**

Supremo libera Marcha da Maconha em todo o país

(...)

Essa decisão, impede que muitas autoridades do setor judiciário interdissesse qualquer dessas manifestações. Por muito tempo houve discussão no supremo tribunal, devido à polêmica liberação da erva, mas, deram ênfase para que não encoraje o uso da erva, muitos mestres da Universidade Federal do PR apóiam a liberação da marcha, apenas crêem na liberdade de expressão, e que com essa arma nas mãos certas, as pessoas poderiam “conquistar” outras pessoas para que apóiem tal marcha. Segundo uma pesquisa que o jornal Gazeta do Povo fez a dois anos atrás, sobre a legalização da maconha, 80% das pessoas entrevistadas eram contra, 12% eram a favor e 8% não sabiam ou não quiseram declarar e então vem aquela pergunta: “Será que legalizar a maconha vai diminuir o tráfico?”, devido à estrutura de nosso país, entretanto, liberar a *cannabis* não seria uma boa idéia a seguir. Por isso, liberar a marcha, é um passo para a evolução do país, mas como todo prós, tem os contras, o Brasil não tem estrutura, e em muitos departamentos.

(...)

Já começando pela observação do título, temos um que caberia melhor a um texto de cunho mais informativo, como uma notícia, por exemplo, mas não a um artigo de opinião. O corpo do texto é basicamente constituído de dados de uma provável reportagem base e meramente descritos de novo pelo aluno, afinal, apesar de ele tomar uma posição posteriormente, em nada os dados contribuíram para seus supostos argumentos que, aliás, demonstram-se bastante confusos. A única inserção interessante é o argumento ser introduzido por uma pergunta: “Será que legalizar a maconha vai diminuir o tráfico?”, o que leva o leitor a se questionar e abrir-se para a resposta argumentativa do autor.

Entretanto, o artigo de opinião produzido depois do trabalho com a sequência didática já foi mais bem elaborado, principalmente em questões argumentativas:

**EXEMPLO 18:**

**(Aluno B4 – Texto da 2.ª fase de coleta)**

A rede em nossas vidas

(...)

A exposição de “assuntos” inapropriados em quantidades ilimitadas é um bom exemplo de que as pessoas não sabem usar a internet. Este instrumento tem suas qualidades, como: Podemos fazer trabalhos escolares mais rápidos e com

qualidade para fazer uma apresentação escolar, podemos entrar no Youtube ou no Google imagens e “baixar” fotos e vídeos, e até fazer uma boa introdução fazendo um uso correto deste “serviço”. Mas todo prós, há contras, e nisso a exposição exacerbado de materiais não adquiridos, sem qualquer estrutura ou conteúdo interessante e aproveitável.

(...)

Nesse texto, o aluno já entendeu melhor o teor argumentativo do artigo de opinião e expõe muito mais argumentos do que apenas informações, como fez no anterior. Para reforçar sua tese de que a Internet não é um risco para quem sabe usá-la, ele apresenta como um exemplo negativo os “assuntos’ inapropriados”, o que leva o leitor a ir buscar no seu conhecimento de mundo e historicidade o que essa expressão estaria representando, conduzindo-nos à conclusão de que se trata de conteúdos de pornografia veiculados na rede. Porém, em seguida, depois de trazer um argumento contrário ao seu, passa a enumerar diversos exemplos de utilização diária da ferramenta *online* que em muito auxilia seus usuários. Contudo, volta novamente a citar os “materiais não adequados”, tornando ao mesmo lugar e, também, não conferindo evolução à argumentação.

De qualquer maneira, os argumentos de exemplificação trazidos pelo aluno nesse segundo texto são de bastante valor para reforçar a sua tese e já aponta para um melhor conhecimento do gênero e das possibilidades argumentativas.

Isso também acontece com o aluno B5. No seu primeiro texto, o teor no início é basicamente apenas informativo. Quando chega à enunciação de uma posição, esta é fraca e não argumentativa:

**EXEMPLO 19:**  
(Aluno B5 – Texto da 1.ª fase de coleta)

Legalização da Maconha

(...) O Brasil não possui estrutura nenhuma para poder legalizar uma droga, com a desordem de nosso país posso até ver com uma droga a solta a bagunça que esse país não vai ficar.

A “desordem de nosso país” é o único possível argumento de se identificar no texto e, mesmo assim, é pouco convincente. Nenhum dos tipos argumentativos é trabalhado e o sujeito autor é praticamente ausente, possível de se encontrar apenas na tomada de posição do aluno.

Por outro lado, o segundo texto, apesar de ainda longe do ideal esperado, apresenta uma melhora na textualização dos argumentos:

**EXEMPLO 20:**  
(Aluno B5 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

Jovens na Rede

A internet faz mal para a formação dos jovens? Será? A internet é uma ótima ferramenta de conhecimento, onde o jovem pode ter contato com tudo o que ocorre no Brasil e no mundo. Ao ser bem utilizada e com o acompanhamento dos pais pode ser de grande ajuda como fone de pesquisas escolares. (...)

O autor, nesse caso, inicia com um argumento de questionamento, formado pela questão da proposta do texto e reforçado pela pergunta “Será?”. Em seguida, são dados dois exemplos explicativos, um ressaltando a possibilidade de contatos diversos pela Internet e o outro a ferramenta de pesquisa que ela é. Da mesma forma, os textos são simples e o sujeito autor ainda incipiente, mas claramente o segundo texto também apresenta uma melhora em relação ao primeiro, o que nos levar a crer na eficiência da sequência didática, em que se apresentou, discutiu e exemplificou os tipos de argumentos.

Mesma ocorrência encontramos na retomada dos textos do aluno A3. Observando o *Exemplo 7*, produzido na primeira fase de coleta, vemos uma carência de argumentos e posicionamento em um texto construído de forma bastante intrincada. No entanto, na continuação do segundo texto, iniciado no *Exemplo 8*, já há uma tentativa do autor, apesar de não com muito êxito, de inserir um tipo argumentativo:

**EXEMPLO 8a:**  
(Aluno A3 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

(...)

A História diz com que facilidade o cérebro consegui se adaptar com os interno, com as maneiras errada.

(...)

O que o aluno procura colocar é o chamado argumento histórico, ou seja, ir buscar na história ou em pequenas anedotas uma exemplificação ou uma fundamentação. Contudo, além de ser um trecho confuso e sem identidade, identificamos nele uma paráfrase da argumentação utilizada por um dos textos bases trabalhados em sala, o que não seria um problema se devidamente referenciado. Portanto, em vez de o aluno localizar o argumento como histórico, ele poderia ter-se aproveitado da mesma estrutura, mas atribuído a um argumento científico, trazendo, assim, corretamente a voz do enunciador.

Como exemplo de utilização de argumento científico, podemos analisar o texto do aluno A6:

**EXEMPLO 21:**  
**(Aluno A6 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)**

Influência da Internet

(...)

Um estudo mostra que ficar na internet aumenta a produtividade no trabalho.

Um novo estudo sugere que buscar fofocas de famosos na web, assistir vídeos e navegação em geral não diminui a produtividade na verdade, ajuda. De acordo com a pesquisa da Universidade Nacional de Cingapura, “navegar na internet serve como uma importante junção reparadora”.

(...)

Ao remeter-se a resultados de estudos e pesquisas, o aluno busca uma credibilidade maior para seus argumentos e ainda trabalha com o plurilinguismo textual. Nesse caso, interessante notar que o autor inclusive traz um trecho entre aspas, marcando perfeitamente a voz do outro, isto é, da pesquisa universitária citada, adicionando esse discurso como reforço daquele que ele assume na sua produção.

Esse segundo texto, também como os outros vistos, apresenta um melhor desenvolvimento dos argumentos do que o produzido na fase anterior, sinalizando para uma influência positiva da interferência da sequência didática:

**EXEMPLO 22:**  
**(Aluno A6 – Texto da 1.<sup>a</sup> fase de coleta)**

Drogas

(...)

Pessoas que querem fugir dos problemas de casa, pessoas revoltadas com a vida, influência dos amigos, muitos que entram nesse mundo não conseguem mais sair, começam com uma coisa “leve” e quando vêm já estão viciados, mas muitos não assumem, não acham que estão, tem alucinações, vê coisas que não existem.

(...)

Este trecho é o corpo do texto, o qual deveria conter a argumentação a favor ou contra as drogas. Como já vimos ocorrer em diversos textos da Escola A, o primeiro texto passa a ser apenas descritivo, sem conter qualquer argumentação e sem tomar um posicionamento claro. Embora consigamos inferir seu provável direcionamento contra o uso de drogas pela descrição negativa do usuário, não há claramente uma opinião, apenas uma exposição de fatos.

Se lembrarmos o *Exemplo 1* e *Exemplo 2*, do aluno B1, no entanto, veremos um bom trabalho com o argumento científico e estatístico. Não obstante presente alguns problemas de coerência em alguns trechos, estudos e dados são desenvolvidos em favor de seus argumentos, apenas reforçando-os com uma maior credibilidade e autoridade da ciência. Nesse caso, a aula

do pesquisador não teve tanta influência, uma vez que esses tipos de argumentação apresentem recorrência nas duas fases de coleta dos textos, ou seja, o aluno mostra já ter anteriormente o conhecimento e domínio desse recurso.

Também se utilizando do argumento estatístico, o aluno A7 agrega maior valor argumentativo ao seu texto:

**EXEMPLO 23:**  
(Aluno A7 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

Internet, um facilitador

*17 anos, aluna do ultimo ano do ensino medio defende o uso da Internet.*

(...)

60% dos jovens interagem em redes sociais, o que torna difícil o isolamento, pelo contrário pois com um boa cabeça aprendemos a respeitar informações pois sempre estamos em contato com diferentes tipos de pessoas.

Para defender a facilidade e agilidade da Internet, o aluno explora, então, o argumento estatístico, apresentando dados concretos a fim de provar a veracidade de sua opinião. O problema, no caso, é que o aluno não o fez de forma a inserir a voz corretamente, isto é, não sabemos de onde ele pode ter tirado o dado apresentado, causando ao leitor uma dúvida da sua credibilidade, mas fica denotado que ele apreendeu a necessidade de usar diferentes tipos de argumentos para sustentar sua tese.

Entretanto, há a tentativa da inserção de uma argumentação, enquanto no primeiro texto, composto apenas de dois breves parágrafos, não há nem uma posição clara do autor, nem qualquer teor argumentativo:

**EXEMPLO 24:**  
(Aluno A7 – Texto da 1.<sup>a</sup> fase de coleta)

Drogas

mal que afeta a sociedade, porque com ela vem a violencia, contrabando, mortes, assassinatos etc...  
está acabando com as familias que ficam desestruturadas.

Sem qualquer autonomia, o texto refere-se a “ela” sem ter antes mencionado o referente, o qual inferimos ser a “droga” apenas por relacionarmos com o título. A droga, portanto, é apenas caracterizada sem nenhuma referência à historicidade, sem conectivos e mesmo sem nenhum objetivo. Portanto, em comparação com o segundo texto produzido, vemos uma melhora na questão argumentativa e até mesmo na estrutura do gênero discursivo.

Assim, em relação à internalização da ideia de tipos de argumentos para sustentar e defender a tese, a modelização do artigo de opinião e os procedimentos seguidos na proposta da sequência didática aplicada parecem ter provocado mudanças visíveis nas produções dos alunos, permitindo, inclusive, a presença mais notável da autoria e do estilo.

#### 4.1.4 A Presença da Tese

Um ponto observado em que a melhora foi mais evidente na internalização da estrutura do gênero artigo de opinião foi na definição de uma tese. Nos textos da primeira fase, um entre os oito alunos da Escola A conseguiu formular uma tese, e um entre os seis da Escola B teve uma tese melhor delineada e outros quatro apresentaram uma apenas tentativa de formulação. Depois da interferência da modelização nas segundas produções, aumentou para sete entre os oito da Escola A e seis dos seis alunos da Escola B a ter uma tese mais claramente estabelecida.

O aluno B6, por exemplo, é o que melhor apresenta uma tese em seu primeiro texto. Porém, mesmo assim, um tanto confusa:

**EXEMPLO 25:**  
(Aluno B6 – Texto da 1.<sup>a</sup> fase de coleta)

A liberação

De acordo com os fatos apresentados no texto “Supremo libera marcha da Maconha em todo o país” de Gabriel de Azevedo, publicado no jornal Gazeta do Povo, acredito que a liberação foi uma decisão correta.

(...)

O autor, no caso, remete-se a uma notícia anteriormente lida e profere sua proposição “acredito que a liberação foi uma decisão correta”. Como o texto remetido não foi comentado, o leitor pode ficar em dúvida se a concordância é em relação à liberação da marcha da maconha ou à liberação da droga em si, inferindo que o aluno pode estar se referindo à marcha somente por causa do título da notícia: “Supremo libera marcha da Maconha em todo o país”. De qualquer forma, é um dos textos da primeira fase da Escola B que melhor representa a tese, pois ao menos conseguimos já entender a posição tomada pelo autor.

Todavia, no seu segundo texto, o aluno delineia com melhor precisão o mote a ser defendido:

**EXEMPLO 26:**  
(Aluno B6 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

Confiar ou não confiar

A internet realmente pode ser problema para alguns jovens, pois nem tudo que está na internet é confiável e podemos considerar como correto.  
(...)

Apesar de o “realmente” parecer concordar com uma pergunta anterior não divulgada no corpo do texto (provavelmente a questão expressa na proposta de escrita, de que se deveria reforçar ou refutar a proposição: “o uso da Internet é um risco para a formação dos jovens”) e, por esse motivo, faltar uma certa autonomia na sua introdução, o aluno prossegue estabelecendo uma tese melhor definida que a anterior, já anunciando sua posição assumida e a razão pela qual a virá defender, introduzida pelo operador “pois”.

Retomando os textos do aluno B4, vemos ainda mais claramente a diferença da formulação da tese:

**EXEMPLO 17a:**  
(Aluno B4 – Texto da 1.<sup>a</sup> fase de coleta)

A liberação da maconha causou tumulto no dia 16/06/2011, sendo ainda uma coisa inaceitável pela sociedade, o STF (Supremo Tribunal Federal) deixa “livre” a marcha da maconha, deixando claro que essas manifestações não seriam discriminadas pela polícia.  
(...)

Como já vimos, o teor desse primeiro texto do aluno B4 é em maior parte informativo. Sua introdução, portanto, não apresenta nenhuma tese do que poderia ser defendido, parecendo um início de um provável resumo do assunto da notícia referida.

Por outro lado, na sua segunda produção, a proposição é já definida:

**EXEMPLO 18a:**  
(Aluno B4 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)

Atualmente, a internet é usada como um instrumento de lazer e de conhecimento, mas o uso desta ferramenta, não é um risco, basta saber usá-la.  
(...)

A posição do aluno em relação ao uso da Internet já fica bem mais clara: não é um risco para os usuários que sabem lidar com ela; e será desenvolvida com a argumentação posterior, diferentemente do primeiro texto. No entanto, o problema encontrado é em relação

ao valor argumentativo do operador “mas” incorretamente utilizado, pois, ao empregá-lo, estabelece uma relação de oposição entre a primeira informação (“a internet é usada como um instrumento de lazer e de conhecimento”) e a segunda (“o uso desta ferramenta, não é um risco”), podendo dar a entender ao leitor a classificação de “lazer” e “conhecimento” como possíveis riscos, o que pareceria ser contraditório as suas ideias desenvolvidas.

Também o aluno A3 consegue propor a tese no segundo texto, a qual não encontramos no primeiro, como visto no confronto do *Exemplo 7* com o *Exemplo 8*. No primeiro, não há qualquer indício de um mote defendido, enquanto no segundo, apesar de ainda fraca e confusa, a tese é já apresentada na introdução: “A internet ela ajuda os jovens, mais ao mesmo tempo ela influencia sim a formação dos jovens. Pois eles se baseiam naquilo que eles ouvem, falam e veem”. Isto é, primeiramente ela toma a posição a favor da Internet, mas depois posiciona-se contra a ferramenta. De qualquer forma, há a proposição, diferente do primeiro, de teor basicamente descritivo.

Por fim, o gênero ao qual o texto pertence é também sinal de autoria, uma vez que se o autor domina sua estrutura e especificidades, como, por exemplo, no caso, o estabelecimento de uma tese e sua sustentação a partir dos tipos de argumentos possíveis, consegue articular com maior liberdade os recursos linguísticos e construir um encadeamento de ideias compatível com o objetivo.

#### 4.2 A QUESTÃO DO GÊNERO E A INTERFERÊNCIA DA MODELIZAÇÃO

Segundo a perspectiva bakhtiniana, nós interagimos por modelos enunciativos relativamente estáveis, os gêneros discursivos. Conhecer bem o gênero, portanto, é também saber se colocar socialmente e transitar por diferentes esferas. Por esse motivo, faz-se necessário trabalhar com o aluno a modelização do gênero, para que eles adquiram cada vez mais uma familiaridade com o exemplo e possam construir com maior êxito suas produções, visando o objetivo, a formatação e o estilo adequados dentro de determinada situação comunicativa.

O gênero artigo de opinião, trabalhado com os alunos, por exemplo, constitui-se especialmente de um autor que apresenta seu ponto de vista sobre determinado tema e o defende a fim de conquistar a adesão do leitor e convencê-lo de sua opinião. Para isso, o articulista deve valer-se de diversos tipos de argumentos para a comprovação da validade da

tese assumida, como já vimos, e pode antecipar as objeções do leitor para já confrontá-las, sempre pretendendo persuadir. O assunto normalmente envolve alguma polêmica e o teor argumentativo é, portanto, principal, porém, pode conter também o tipo textual informativo para situar o leitor do que se trata. Em geral, o artigo de opinião é publicado na Internet ou em sessões fixas de jornais e revistas e, como a opinião enunciada nem sempre é compatível com a do veículo de comunicação, o texto costuma ser assinado, de modo que o autor assume a responsabilidade pelos discursos proferidos. A linguagem dependerá do suporte e do contexto social que o envolve, mas comumente é formal ou semi-formal, apresentando sempre um título. Como para se opinar sobre um tema controverso, é importante conhecer bem o assunto, o gênero em questão é normalmente escrito por alguém de importância na área em que se discursa, podendo vir junto ao artigo um mini-currículo do articulista, a fim de atribuir-lhe maior autoridade e credibilidade.

Toda essa modelização foi desenvolvida antes da produção dos alunos, com o auxílio de um artigo de opinião sobre o tema lido e discutido em sala, com o objetivo de situá-los em relação às reflexões que deveriam fazer para escrever seu próprio texto e à estrutura do gênero que produziriam em seguida.

Analisando os textos, percebemos, entretanto, uma diferença de resultado entre as duas escolas referente à relevância para os alunos da interferência da modelização. Os alunos da Escola B tiveram um desenvolvimento bom do gênero, porém, com poucas alterações do primeiro texto para o segundo. Já os alunos da Escola A apresentaram uma alteração significativa em termos de estrutura, estilo e conteúdo. Essa distinção pode ter acontecido pela influência das professoras regentes da turma e o modo como cada uma costumava encaminhar a produção de texto com os alunos. Isto é, a professora da Escola B já tinha o hábito de trabalhar numa concepção de gênero, procurando mostrar antes suas características. Por outro lado, a professora da Escola A costumava dar ênfase a outros aspectos e os alunos pouco tiveram contato com o que era um artigo de opinião antes de produzi-lo, provavelmente por isso nosso trabalho surtiu maior efeito nessa escola, uma vez que os alunos não tinham ainda bem formado anteriormente o conceito do gênero.

Podemos ver, por exemplo, a diferença entre o *Exemplo 23* e o *Exemplo 24*. O aluno A7, na primeira fase de coleta da sua produção, apresenta uma simples resposta para uma pergunta, sem ter mesmo autonomia em relação ao assunto. Não há qualquer orientação em direção ao objetivo de se convencer o leitor de sua opinião e nem menos uma tomada de posição. Embora o texto da segunda fase ainda tenha vários problemas de estruturação, o aluno já busca inserir alguma argumentação, mesmo que rudimentar. Interessante ainda é

perceber como ele inicia seu texto: além de colocar um título, introduz-se através de uma gravata, o que, apesar de não ser um elemento constitutivo obrigatório do gênero artigo de opinião, foi visto também em sala no texto da revista lido como ativação do conhecimento do tema e do gênero, inserindo já sua tomada de posição e, ainda, uma espécie de mini-currículo quando se anuncia “17 anos, aluna do último ano do ensino médio defende o uso da Internet”.

Da mesma forma, o aluno A1, conforme visto no *Exemplo 3*, escreve seu primeiro suposto artigo de opinião em tópicos e sem demonstrar indícios de posição discursiva. Já no *Exemplo 4*, há o desenvolvimento do tema em direção a uma argumentação, trabalhando, inclusive, com a inserção de outras vozes para reforçá-la. Além disso, também demonstra o entendimento da forma do gênero, colocando título, gravata e até mesmo seu nome ao final, posto que foi visto na modelização como uma das características a importância do articulista assinar seu artigo, responsabilizando-se pelas opiniões veiculadas.

Por outro lado, textos como os dos alunos A5 (*Exemplos 13 e 14*) e B1 (*Exemplos 1 e 2*) não apresentaram grandes diferenças de uma fase para outra, o que indica um provável conhecimento já prévio em relação à estrutura do gênero e de tipos argumentativos.

Contudo, nos textos de ambas as escolas, notamos ainda uma grande deficiência especialmente na questão argumentativa. Com isso, podemos perceber que um único trabalho com a sequência didática não é o suficiente para os alunos compreenderem determinados conceitos e os transferirem para a sua produção, como, por exemplo, em relação aos recursos de textualização (operadores argumentativos e anáforas referenciais, como visto no item 4.1.2). Mais eficiente seria um encaminhamento a longo prazo e, certamente, completando o trabalho com a etapa da reescrita.

No entanto, apesar de treze dos quatorze textos analisados apresentarem certa melhora ou manterem a mesma qualidade no entendimento do gênero artigo de opinião, um entre eles retrocedeu nesse sentido:

**EXEMPLO 27:**  
(Aluno A8 – Texto da 1.<sup>a</sup> fase de coleta)

Drogas

A polêmica sobre a droga, já não esta tão forte quanto antes, hoje em dia usar maconha já não é uma coisa anormal e sim normal.

A droga causa alucinações na pessoa, fazendo com que ela veja coisas que não existe, bate nas pessoas e até mata, por conta da droga.

Eu acho que a pior coisa do mundo é a droga, porque ela faz com que a pessoa destrua a própria vida, destrua a família, destrua seus sonhos e suas conquistas.

Eu acho que todas as pessoas que usam drogas, e que falam que não conseguem sair dessa, está se dando por fraco, porque eu acho que todos que entram, saim das drogas, só falta a força de vontade.

Por mim, nunca teria existido a droga nesse mundo.

Embora o texto não seja no seu todo coerente, uma vez que defende no início a droga como não sendo “uma coisa anormal e sim normal” e depois desenvolva o texto em uma direção contrária, isto é, totalmente contra a sua utilização, a estrutura do gênero artigo de opinião é respeitada, pois há em vários momentos a tomada de posição e argumentação em relação ela.

Já na segunda produção, após a modelização do gênero, o que ocorre é um desentendimento ou do artigo de opinião ou da proposta de escrita:

**EXEMPLO 28:**

**(Aluno A8 – Texto da 2.<sup>a</sup> fase de coleta)**

O que a Internet oferece às pessoas?

*A autora de Curitiba irá responder o que a internet oferece as pessoas, falará sua opinião e o que pessoas acham da internet.*

\* Qual as vantagens que a internet oferece?

A internet oferece tudo para as pessoas, desde programas de diversão, até meios de pesquisa. Hoje em dia 99% das pessoas utilizam a internet, para: Se divertir, estudar, pesquisar, mapas e imagens.

\* Foi bom a internet ter surgido?

Sim. É através dela que se informamos, e temos notícias mais específicas e complementares.

A8

01 de novembro

O aluno A8, em vez de desenvolver sua produção nos moldes do artigo de opinião, escreve sua posição conforme solicitado, porém, na formatação de uma entrevista. Um dos fatores que pode ter influenciado para essa ocorrência é o fato desse outro gênero também ter sido brevemente trabalhado em sala, pois era a formatação de um dos textos base lidos para a discussão<sup>16</sup>.

Por fim, diante dos textos desses alunos e de todos os tópicos aqui analisados, percebemos um sujeito autor ainda incipiente, com algum domínio de gênero, mas com pouca autonomia argumentativa. O trabalho contínuo com a sequência didática, incluindo a reescrita, pode proporcionar um sujeito autor mais atuante, uma vez que a discussão anterior

<sup>16</sup> Os textos lidos em sala, bem como as atividades desenvolvidas com os alunos e a proposta de redação solicitada encontram-se nas seções *Anexos* e *Apêndices* deste trabalho.

do tema ajuda os alunos a construírem e definirem sua argumentação e o trabalho posterior com os recursos linguísticos objetiva auxiliá-los ao melhor domínio da estrutura textual e organização das vozes no texto, originando sujeitos plurilíngues e de posicionamento discursivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando uma concepção interacionista de linguagem e, portanto, um sujeito construtor de discursos e por eles construído em um contexto de interação, tecemos nossa pesquisa objetivando investigar os possíveis indícios de autoria nas produções textuais de alunos do Ensino Médio. Para tanto, adotamos o conceito de sujeito dialógico elaborado por Bakhtin ([1979] 2000) e Bakhtin/Volochínov ([1929] 2010), que embora inserto em meio a diversos discursos sociais, é capaz de demonstrar ainda assim sua subjetividade ao refletir e refratar a realidade. Na mesma perspectiva, a abordagem de Possenti (1993, 2002) delinea o conceito de estilo como individualizador do sujeito, dando-lhe, mesmo em uma conjuntura assujeitadora, a possibilidade de autonomia, ao produzir textos com densidade, historicidade e boa articulação dos recursos linguísticos.

De modo a cumprir com esse objetivo, procedemos com a metodologia de análise qualitativa, a qual nos permitiu trabalhar com textos coletados em seu ambiente natural, isto é, em duas escolas públicas de Curitiba. Além disso, a opção por esse método propiciou que a análise focasse não só o produto final, mas também o processo de uma possível construção dos alunos como sujeitos autores, a partir da aplicação de uma sequência didática e a observação de seu efeito na comparação das duas fases das produções dos alunos.

Em uma visão geral, os resultados obtidos apontaram para uma presença ainda incipiente do sujeito autor no artigo de opinião, ou seja, um autor ainda em fase de construção, sem autonomia completa na articulação das diversas vozes e de sua tomada de posição e sem domínio adequado dos recursos linguísticos. Também a formulação de uma tese e sua posterior defesa não são ainda inteiramente desenvolvidas. No entanto, percebe-se já uma visível melhora na segunda fase de coleta dos textos, especialmente em relação ao entendimento do gênero discursivo abordado, o que assinala para uma positiva influência do trabalho com a modelização, um dos passos da sequência didática.

Essa situação decorrente, contudo, é lastimável, uma vez que o aluno já está em suas séries finais da educação básica e ainda não se constituiu como sujeito de seus textos, porém, com a aplicação de uma única sequência didática parcial, isto é, sem a reescrita, já demonstra um tênue avanço. Isso nos leva a refletir como seriam distintas as consequências obtidas se houvesse uma ação sucessiva desde as séries iniciais visando uma organização didática voltada para o plurilinguismo e uma metodologia cuja concepção de linguagem é a de interação discursiva.

Ainda assim, foram observados também resultados divergentes: aparente desentendimento da estruturação do artigo de opinião na segunda produção ou pouca diferenciação da qualidade dos textos da primeira para a segunda fase. Essa distinção de dados, no entanto, é prevista e permitida pela metodologia qualitativa, dada a particularidade e subjetividade de cada caso, o que nos consente traçar uma análise em âmbito geral, porém estar atento a sua não unanimidade.

A tudo isso está atrelada a importância do trabalho do professor como mediador, uma vez que ele é o responsável por conduzir seu aluno à percepção de si como sujeito crítico, ensinar de forma letrada e disponibilizar os conhecimentos linguísticos necessários para que o aluno aprenda a apropriar-se eficientemente dos possíveis mecanismos em suas produções, uma tarefa que, como indicamos e percebemos com os resultados desta pesquisa, pode ser alcançada com um trabalho continuado da sequência didática com todas as suas etapas.

Por fim, as investigações teóricas e as análises delineadas neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nos levaram a uma melhor compreensão de como os alunos se comportam nos seus textos como sujeitos autores, dando subsídios para uma possível pesquisa posterior em relação a como orientar esse aluno para que, além de ter um bom manejo com a estrutura do gênero discursivo, também saiba posicionar-se com autoria, fazer escolhas vocabulares conscientes, empregar com efeito os mecanismos da linguagem e defender com clareza e boa argumentação seus pontos de vista, de modo que, perante os diversos discursos que o compõem, não se extinga o seu estilo individual e subjetivo, devendo como autor, portanto, responsabilizar-se também pelos seus próprios enunciados.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Rosemarie. **Thematic Content Analysis**. Palo Alto, 2007. Disponível em: <<http://www.wellknowingconsulting.org/publications/pdfs/ThematicContentAnalysis.pdf>> Acesso em: 14 set. 2012.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. (tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão), 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2000.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. / (V. N. Volochínov). (traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira), 14ª ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2010.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1929] 1981.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio PCN+ Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.

CABRAL, Ana L. T. **A Força das Palavras: dizer e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim M. **Contribuição à estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1977.

DOLZ, Joaquim. e SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: **Gêneros Oraís e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras; 2004.

ECO, Umberto. A língua, o poder e a força. In: **Viagem na irrealdade quotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FARACO, Carlos A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas propriedades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63. São Paulo, mar./abr., 1995a.

\_\_\_\_\_. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29. São Paulo, mai./jun. 1995b.

GRANGER, Gilles G. **Filosofia do estilo**. (tradução de Scarlett Zerbetto Marton). São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

KOCH, Ingedore G. V. **Introdução à Lingüística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Editora, 1987.

\_\_\_\_\_. **A coesão textual**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

McCASLIN, Mark L., SCOT, Karen W. The Five-Question Method For Framing a Qualitative Research Study. **The Qualitative Report**. Idaho, v. 8, n. 3, p. 447-461, set., 2003.

NEVES, José Luiz. Pesquisa qualitativa: características usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração**, v. 1, n. 3. São Paulo, 1996.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. Notas sobre condições de possibilidade da subjetividade, especialmente na linguagem. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n. 35, p. 95-107, 1998.

\_\_\_\_\_. Enunciação, Autoria e Estilo. **Revista da FAAEBA**. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação. Salvador, n. 15, p. 15-21, jan./jun., 2001.

\_\_\_\_\_. Índícios de Autoria. In: **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 105-124, jan./jun., 2002.

SUASSUNA, Lívia. Avaliação e reescrita de textos escolares: a mediação do professor. In: **Ensino de Língua Portuguesa**: oralidade escrita leitura. Vanda Maria Elias (org.). São Paulo: Contexto, 2011.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Material produzido para a aplicação da sequência didática

#### **Modelização do gênero entrevista**

- Suporte: revistas, jornais, internet, programas televisivos e rádio;
- Objetivo: coletar informações e opiniões de especialistas sobre temas diversos;
- Há diversos tipos de entrevistas, por exemplo, a médica, a de emprego, assim, há variações quanto ao propósito, bem como o estilo;
- Em revistas, geralmente aparecem em sessão regular, com nome pré-estabelecido (*SUPERpapo, Entrevista, Bate-Bola*) com espaços e padrões;
- É parte integral da entrevista apresentar, de modo geral, logo no início o tema que será tratado;
- A estrutura caracterizada por perguntas e respostas, marcadas por recursos gráficos (fonte, cor, tamanho de letra);
- Raramente aparece o nome do entrevistador; é comum colocarem o nome da revista/jornal e do entrevistado antes das falas;
- As perguntas inseridas na entrevista abarcam dois modos de organização: semi-dirigidas (mais abertas deixando mais livre o entrevistado para responder) e focados em um tema, nesse caso, o entrevistador organiza pontos específicos que devem ser respondidos para se chegar a uma conclusão sobre o assunto;
- Por ser um gênero primordialmente oral, ao ser publicado passa por uma retextualização, na qual o oral é adaptado à escrita. Assim, eliminam-se marcas da oralidade (né? tá? hum!) selecionando-se vocábulos e reorganizando a sintaxe das frases;
- Linguagem formal ou semi-informal (depende do suporte, público alvo etc.).

#### **Modelização do Gênero artigo de opinião**

- Autor apresenta seu ponto de vista sobre determinado tema (tese) e o defende (argumentos);
- Texto é em maior parte argumentativo;
- Informação pode estar presente para guiar o leitor;
- Suporte: jornais, revistas, internet. – geralmente publicados em sessões fixas;

- São assinados e nem sempre correspondem com a opinião do jornal (revista, etc.)
- Objetivo de conquistar a adesão do leitor para o ponto de vista defendido;
- O autor pode antecipar as objeções do leitor e vale-se de argumentos para a comprovação da validade da tese assumida;
- Apresenta, normalmente, título, autor, mini-currículo do autor;
- Assuntos normalmente tratados são diversos, de interesse geral ou algo polêmico;
- Linguagem formal ou semi-formal; usam de ironia e sarcasmo muitas vezes.

**Tipos de argumentos:**

- Argumento de autoridade: que traz opiniões de pessoas importantes na sociedade ou estudiosos para comprovar sua tese;
- Argumento por exemplificação: que dá exemplos para reforçar sua tese;
- Argumento estatístico: baseado em dados gerais;
- Argumento científico: traz resultados de estudos ou pesquisas;
- Argumento histórico: ir buscar na história ou em pequenas historinhas a exemplificação dos argumentos.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

COLÉGIO ESTADUAL \_\_\_\_\_

LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA: Valéria S. Queiroz

ALUNO: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_

### Exercícios

1 – Em relação ao artigo de opinião, responda;

- a) Qual o título do texto e o que você pode já inferir ao se deparar com ele?
- b) Onde o artigo foi publicado?
- c) Quem é o autor do texto e como ele é apresentado pela revista?
- d) Qual o objetivo da revista ao apresentá-lo dessa forma?
- e) Qual a tese apresentada pelo autor?

2 – A partir da leitura dos dois textos, identifique os argumentos apresentados em cada um.

- a) Liste-os em uma tabela comparativa.
- b) Qual das duas visões vai de acordo com sua opinião a respeito do assunto?

3 – Como você sente a influência da Internet na sua vida? Positiva ou negativa? Justifique.

4 – O autor cita a *Wikipedia* como uma ferramenta interessante de se compartilhar conhecimento. Você já se utilizou desse site para fazer pesquisa? Você acredita que as informações ali postadas são confiáveis? Por quê?

5 – O articulista afirma: “Vivemos um tempo excitante, onde todos podem participar da produção de informação de maneira que antes era impossível”. Essa colocação é uma opinião do autor ou um fato? A possibilidade de contribuição e o acesso à informação é realmente uma realidade de todos? Explique.



## ANEXOS

## ANEXO A – Entrevista utilizada como texto base para a sequência didática

ENTREVISTA – NICHOLAS CARR

## “ESTAMOS MAIS RÁPIDOS E SUPERFICIAIS”

Um dos mais polêmicos pensadores da era digital, o americano Nicholas Carr acaba de lançar o livro *The Shallows: What Internet is Doing to Our Brains*, em que questiona os danos que a internet está causando em nossos cérebros. Na entrevista abaixo, conta que dá até para ler online de maneira aprofundada, mas que isso não é a regra.

**\* Que mudanças a internet está causando em nossa mente?**

Carr: Ela nos encoraja a avaliar vários pequenos pedaços de informação de uma maneira muito rápida, enquanto tentamos driblar uma série de interrupções e distrações. Esse modo de pensamento é importante e valioso. Mas, quando usamos a internet de maneira mais intensiva, começamos a sacrificar outros modos de pensamento, particularmente aqueles que requerem contemplação, reflexão e introspecção. E isso tem consequências. Os modos contemplativos sustentam a criatividade, empatia, profundidade emocional, e o desenvolvimento de uma personalidade única. Nós podemos ser bem eficientes e bem produtivos sem esses modos de pensamento, mas como seres humanos nos tornamos mais rasos e menos interessantes e distintos intelectualmente.

**\* As evidências são preocupantes?**

Carr: Mais do que eu esperava. Nossos cérebros são altamente maleáveis. Isso permite que nos adaptemos a novas circunstâncias e experiências, mas isso também pode ser algo ruim. Podemos treinar nosso cérebro para pensar de maneira rasa ou profundamente com a mesma facilidade. Estudos mostram que, quando ficamos online, entramos em um ambiente que promove a leitura

apressada, pensamento distraído e aprendizado superficial. É possível pensar profundamente enquanto surfamos na web, mas não é o que a tecnologia encoraja e premia.

**\* Quais são as diferenças em relação à leitura de um livro tradicional, feito com papel e tinta?**

Carr: O livro impresso e a internet são o que chamo de “ferramentas da mente”, mas seria difícil de imaginar duas ferramentas mais diferentes. Como tecnologia, um livro foca nossa atenção; nos isola das várias distrações que enchem nossas vidas diárias. Um computador conectado faz o oposto. É desenhado para dispersar nossa atenção. Ele não protege a gente das distrações do ambiente; se une a elas. Ao passo em que nos movemos do mundo da página para o mundo da tela, nós estamos treinando nosso cérebro para ser rápido, mas superficial.

**\* Você diz que a internet é melhor compreendida como parte de uma tendência...**

Carr: As tecnologias que usamos para reunir, armazenar e dividir informação mudaram nossa formação intelectual. Mapas, relógios, livros e TV nos mudaram. E agora a internet está nos mudando. Ela abriu um novo capítulo em nossa história intelectual, mas a história está acontecendo há muito tempo.

## ANEXO B –Artigo de opinião utilizado como texto base para a sequência didática

ARTIGO **Aa**

## "A WEB ESTÁ CRIANDO A GERAÇÃO MAIS INTELIGENTE DE TODAS"

Autor de *Wikinomics* diz que hoje em dia o que conta não é o que você sabe, mas o que pode aprender

**DON TAPSCOTT\***

Você não precisa temer a internet. A mente da geração digital parece ser incrivelmente flexível, adaptável e ter um profundo conhecimento de mídia. A imersão em um ambiente digital e interativo fará as pessoas mais inteligentes do que a média dos sedentários que passam o tempo todo assistindo TV no sofá. Em vez de simplesmente receberem as informações, eles interagem. Em vez de apenas acreditarem que um anunciante na TV está falando a verdade, avaliam minuciosamente a mistura de fatos contraditórios ou ambiguos. A internet deu a oportunidade de tornar essa geração a mais inteligente da história.

O que conta não é mais o que você sabe: é o que você pode aprender. Hoje, o importante é processar as informações novas o mais rápido possível. Nós estamos na era da informação, onde, à medida que os empregos mudam, você não pode enviar seus empregados para outro treinamento. Nós precisamos aprender constantemente, pelo resto das nossas vidas.

Esse novo mundo permite que trabalhemos unidos como uma mente só, qualificada para resolver nossos problemas. Agora, os cientistas podem acelerar suas pesquisas ao abrir suas informações e métodos possibilitando que colegas experientes do mundo inteiro colaborem. Médicos podem ajudar comunidades de pacientes onde pessoas com problemas de saúde semelhantes dividem informações, fornecem auxílio mútuo e contribuem para a pesquisa.

Nós entramos numa era de contribuição. Milhões colaboraram com a Wikipedia, e milhares em iniciativas como o Linux e o Projeto Genoma Humano (PGH). Há agora uma oportunidade histórica. Afinal, o potencial para novos modelos de colaboração não termina com a produção de software, mídia e entretenimento. Por que nosso governo, nosso sistema educacional, de saúde, de pesquisas científicas e a produção de energia não têm um "código aberto"? São oportunidades reais e palpáveis, não fantasias.

Vivemos um tempo excitante, onde todos podem participar na produção de informação de maneira que antes era impossível. Para os governos e sociedade como um todo, as evidências mostram que nós podemos armazenar a explosão de conhecimento, colaboração e inovação de negócios para liderarmos vidas mais ricas e cheias, e estimularmos a prosperidade e o desenvolvimento.

\* Don Tapscott é consultor de empresas como General Electric e autor dos livros *Wikinomics* e *A Hora da Geração Digital*, entre outros. Ele já conseguiu US\$ 4 milhões para investir em pesquisas sobre a "geração net".

## ANEXO C – Textos dos alunos da Escola A

## Aluno A1 – Texto 1

Drogas.

Já acho que muitas pessoas usam drogas por vários motivos:

- \* muitas não tem o amor dos pais, aí acabam entrando nessa vida.
- \* muitas já cresceram vendo os pais se drogarem cresceram com aquilo na cabeça e continuam com aquilo os pais já faz.
- \* muitas fazem de propósito para os pais, porque os pais proíbem de andar com os amigos, aí eles ficam revoltados e acabam se enfiando a cara nas drogas.

## Aluno 1 – Texto 2

"A internet na vida dos Adolescentes"

"A internet não é uma influência para quem sabe utilizar"

A internet ajuda muitos jovens nos seus estudos, muitos pais de jovens sabem que a internet é uma influência, por que muitas vezes já foram vítimas de pedofilia, mas uma verdade nos

vítimas já sabia que não se devem  
marcar encontros com quem não conhecem,  
já marcaram não é culpa da internet  
e fim delas.

Se um pedófilo está conversando com uma  
jovem, e marca encontros com ela, é ela  
que vai decidir se ela vai ou não  
vai se encontrar com eles. Os pais têm que  
estar sempre atentos com quem seus filhos  
falam no MSN.

A internet ajuda muitas pessoas de  
responsabilidade nos estudos etc, e marca  
vai ser uma influência para jovens que  
saiba o usar.

Bye

ALUNO A1

## Aluno A2 - Texto 1

Drogas

A droga é muito comum em nossa vida, andamos pelas ruas e não percebemos em nossa volta, muitas traficantes, viciados em cocaína, crack, maconha. Chegam de outras pessoas, têm alienação e acabam fazendo loucuras por toda parte. As pessoas se apóiam nas drogas, se batem, brigam, e falam que é o efeito das drogas.

A cada dia esse mal se torna mais comum, mais frequente. A maioria da população usa droga principalmente a maconha, o ideal seria a legalização da maconha e a proibição, mas também deveria ser legalizar o resto das drogas. Muitos são os motivos para começar nas drogas, não tem o amor dos pais, vem do país se drogou e começam nesta também, mas é claro que isso não é motivo para o uso das drogas, isso só é uma desculpa.

## Aluno A2 - Texto 2

## A INTERNET NA VIDA DOS JOVENS.

A internet na vida dos jovens é um meio de pesquisa e trabalhos de escola e faculdade, também para se comunicar com parentes distantes, para não usar o telefone que vai muito caro ligações de longa distância.

A internet foi criada para usar-  
mos com sabedoria sem abusarmos  
deste meio de pesquisa, a rapidez da

internet nos possibilita nos comunicar com nossos parentes distantes, podemos mandar e-mails, fazer trabalhos com agilidade, também podemos interagir e conhecer novas pessoas, novos amigos por exemplo: no facebook podemos interagir e compartilhar vários coisas com todos, no msm podemos conversar, com muitos pessoas ao mesmo tempo, o que por telefone não conseguimos.

A internet é uma boa ferramenta de trabalho e pesquisa, só temos que saber usá-la.

By:

ALUNO A2

## Aluno A3 - Texto 1

## Drogas.

As pessoas entram nas drogas para sair da realidade da vida, para ter sensação que não podem ter na vida.

As drogas são coisas feitas para quem usa como se fosse um remédio que faz com que elas usem.

Pessoas que acabam entrando nesse mundo, e pessoas que tem problemas em casa com sua família e amigos. Acharão assim, que parece, acabam com isso. Cada momento que eles usam eles acabam não ficando só nisso, acabam indo para um caminho que não tem mais volta.

As pessoas acham que a pessoa fazendo acompanhamentos eles não voltam mais, mas tem pessoas que acham vontade para as drogas, pois podem ficar só em 1 ano ou 2 anos mas acabam não conseguindo acabam caído na tentação.

### Aluno A3 - Texto 2

A Internet influencia sim nos jovens.

A internet da ajuda os jovens, mais ao mesmo tempo da influencia sim a formação dos jovens. Pois eles se baseiam naquilo que eles veem, falam e tem.

A maneira com que os jovens se expressão suas linguagens com gírias, com palavras ~~das~~ usadas de si mesma. Mesmo si eles ~~escritam~~ estão, sig de eles se corrigem, eles acham não se corrigem, eles acham certo

a maneira usado de se escrever.

Nessa coleção são realmente materiais, assim fazendo com que adaptemos a novas circunstâncias.

A História da com que facilidade o aluno consegue se adaptar com os externos, com as maneiras usada.

A conclusão com que se percebe de expressar e a internet não faz bem para a coleção dos jovens e sim influencia sim nos jovens.

## Aluno A4 - Texto 1

## Drogas

É um mal que afeta toda sociedade, interfere total-  
mente na vida de quem usa, destrutura as famílias.

A droga leva para o caminho da morte ou cadeia.  
A pessoa viciada não consegue ficar sem a droga, toda  
hora tem que usar, a pessoa fica alucinada, começa  
a trabalhar para conseguir a droga, começa a vender  
os móveis de sua casa, é um caminho longo  
a recuperação de indivíduos é muito difícil, para  
se recuperar precisa de total apoio de sua família, muito  
amor e carinho, assim começa a recuperação da  
pessoa que usa droga.

## Aluno A4 - Texto 2

Internet interfere na formação dos jovens.  
A internet é um meio de comunicação e informação,  
sendo a maioria da população tem contato com a  
internet.

Ela interfere na linguagem da população como por exemplo  
sites de bate-papo, orkut, Facebook, entre outros.

Perigo na internet, todos correm esse perigo, marcando  
encontros com pessoas que nunca viram na vida.

A linguagem é mudada no MSN, por exemplo VCS, é escrito  
VC, MUITO, e excitante.

Os textos da internet tiram a atenção do leitor, porque ficam várias janelas abertas fazendo com que tire a atenção do texto. Os livros estão sendo substituídos pela internet sendo que os livros chamam mais a atenção do leitor.

A internet interfere muito na vida de todos, mudando nossa forma de falar, colocando pessoas em perigo sem encontros marcados pela WEB, mudando totalmente nossa vida, novas informações, entre outros.

#### Aluno A5 - Texto 1

### AS DROGAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Bem sabemos, quão maléficas são as drogas, além do prejuízo pessoal que causa a seus usuários, também devasta a vida das famílias.

Desde que somos apenas crianças ouvimos falar das consequências que a droga traz. Sabemos que qualquer tipo de droga acaba com a saúde, traz danos irreversíveis, destrói as famílias, sem falar dos problemas financeiros. Muitas das vezes as famílias não sabem como lidar com essa situação, por já se encontrarem nela.

Os pais precisam sentar e conversar com seus filhos, explicar que as drogas só trazem com si coisas extremamente ruins, esclarecer esta questão, alertar. Não existe melhor remédio que a prevenção. Governos bem esclarecidos se tornam presas mais difíceis desse caminho. Com uma boa estrutura familiar, teremos cidadãos mais conscientes, ou seja, o que é passado dentro de casa, acaba sendo transmitido para nossa sociedade.

## Aluno A5 - Texto 2

A rede mundial de computadores.

A internet é um instrumento muito útil para todos, pois é um meio de interação, comunicação e informação, que tem utilidade em qualquer situação.

Podemos utilizar a internet para interação com pessoas de mundo todo além da possibilidade de ter novas experiências, conversando com pessoas de outros lugares, também podemos trocar informações com amigos e familiares.

Vale lembrar que além de lazer a internet também no acesso à pesquisas escolares, profissionais e é um ótimo meio informativo, já que existem sites de notícias, atualizados constantemente.

Devemos sempre nos consultar e criticar este instrumento fantástico, como todas as outras coisas, se a internet for usada com sabedoria, só trará benefícios a seus usuários.

## Aluno A6 - Texto 1



# DROGAS

Hoje em dia, pessoas de todas as idades e classes sociais usam drogas.

Pessoas que querem fugir dos problemas de casa, pessoas revoltadas com a vida, influência dos amigos, muitos que vivem no mundo não conseguem mais sair, começam com uma coca "leve" e quando vêm já estão viciados, mas muitos não assumem, não acham que estão, têm alienações, vê coisas que não existem.

Algumas pessoas que conseguem tudo que querem, buscam algo mais, são depressivas, solitárias e aí então começam com as drogas, mas muitas acabam perdendo tudo que tem por causa disso.

## Aluno A6 - Texto 2

## Influência da Internet

A internet é uma das maiores e melhores invenções do século XX. Ela nos permite comunicar com pessoas em tempo real, trocar informações, aproximar amigos e família, torna tudo mais rápido. A internet já faz parte da vida de muitos jovens, possibilitando conhecer novos amigos, idiomas e culturas. nela se pode expressar sua opinião, ideias e mostrar seus valores.

● Um estudo mostra que ficar na internet aumenta a produtividade no trabalho.

Um novo estudo sugere que buscar perfis de famosos na web, assistir vídeos e navegação

em geral não diminui a produtividade na vida, ajuda. De acordo com a pesquisa da Universidade Nacional de Singapura, "navegar na internet serve como uma importante função reparadora".

Isso mostra que mesmo em estado em sites interativos e que muitas coisas não são feitas sem bom uso, e sabendo manejar de maneira correta, se pode tirar muito proveito e benefícios para o dia a dia.

#### Aluno A7 - Texto 1

Drugs

ALUNO A7

mal que afeta a sociedade, for case com ela vem a violência, corrupção, roubos, ASSASSINATOS etc.

Está acabando com as famílias que ficam destruídas,

## Aluno A7 - Texto 2

argumento histórico.

Internet, um facilitador  
17 ANOS, ALUNA DO ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO  
DEFENDE O USO DA INTERNET.

Lembrando dos tempos sem web, se percebe o quanto as coisas se tornaram mais fáceis e rápidas. Hoje temos acesso a vários tipos de informações, não ficamos mais restritos a um só meio de comunicação e aprendemos a selecionar, interagir com o que temos e acabamos descobrindo não só o que temos mais a conclusão que chegamos.

60% dos jovens interagem em redes sociais, o que torna difícil o isolamento, pelo contrário pois com um bom cabeça aprendemos a reserpear informações pois sempre estamos em contato com diferentes tipos de pessoas.

### Aluno A8 - Texto 1

#### Drugs

A polêmica sobre a droga, já não está tão quente quanto antes, hoje em dia usar maconha já não é uma coisa enorme e sim normal.

A droga causa valunicações na pessoa, fazendo com que ela nega coisas que não existe, bote umas pessoas e até mata, por conta da droga.

Eu acho que a pior coisa do mundo é a droga, porque ela faz com que a pessoa destrua a própria vida, destrua a família, destrua seus sonhos e suas conquistas.

Eu acho que todos os pessoas que usam drogas, é que falam que não conseguem para cima, está se dando por fraco, porque eu acho que todos que entram, não das drogas, não faltam a força de vontade.

Por mim, nunca teria existido a droga neste mundo.

### Aluno A8 - Texto 2

#### Que a Internet oferece as pessoas?

A autora de rinitiba irá responder us que a internet oferece as pessoas, falará sua opinião e o que pessoas acham da internet.

\*Qual os benefícios que a internet oferece?

A internet oferece tudo para as pessoas, desde programas de diversão até meios de pesquisa. Hoje em dia 99% das pessoas utilizam a internet,

para: Se divertir, estudar, pesquisar, mapas e imagens.

\* Foi bom a internet ter surgido?

Sim. É através dela que se informamos, e temos notícias mais específicas e complementares.

**ALUNO A8**

01 de novembro

## ANEXO D – Textos dos alunos da Escola B

## Aluno B1 – Texto 1

marcha da macamba a luta de classes  
~~substituição~~ ~~no~~ ~~preocupar~~ ~~em~~ ~~estudos~~ ~~para~~ ~~os~~ ~~anos~~  
 condições de vida pois através da educação diminuir de ~~o~~ ~~se~~  
 alienação e promover a interação as escolas da droga para trazer  
 Sarcosoma.  
 em presença, já que se é uma manipulação a ser em uma situação  
 para a população brasileira. O marcha da macamba que por sua  
 vez, tem o intuito de legalizar o uso da droga, mas enquanto

Al

Internet, formadora de grandes mentes expostas.

Ao contrário do que alguns antigos mestres e doutores falam, a internet  
 não tem apresentado grandes riscos a mente e a aprendizagem das  
 jovens das áreas de hoje, especialistas atuais tem mostrado em  
 suas pesquisas que o uso da internet, tem sido benéfico aos jovens,  
 tanto por consequência altas níveis de eficiência e eficácia.

Estudos recentes de Neuropsicologia e de Neuropsicologia mostram que  
 com o uso da internet e de jogos em rede, os alunos tem utilizado  
 áreas da cabeça que com uma simples leitura não seriam ativadas.

un

o

B1

-

Te

xto

2

no máximo a ensino fundamental tem indicar riscos, ou seja, melhor mesmo  
 de adaptar ao máximo, pois quem se adaptam que com a legalização  
 diminuir a busca e que seria a melhor pegando como referência a  
~~Estados Unidos~~ ~~Estados Unidos~~  
 Recentemente mesmo se a macamba fosse legalizada, isso não  
 diminuiria o tráfico, pelo contrário, em crescimento, como a rigidez  
 que é legalizada mas que ~~continua~~ ~~sendo~~ ~~continua~~ ~~sendo~~ ~~continua~~ ~~sendo~~  
 limitada. A segunda parte é que mesmo legalizada menos de 18 anos podem  
 fazer uso de droga. A meu ponto de vista se as pessoas se

## Aluno B2 - Texto 1

## Libera ou não?

A liberdade de expressão está entre nós, o marco da maromba foi liberada pelo STF. Por oito a zero, <sup>votos</sup> a decisão foi liberar o mercado, mesmo a maioria da população sendo contra a liberação de maromba, onde os usuários defendem pelo ponto de vista que era acabar com o tráfico da erva.

Não é pela liberação da erva que o tráfico vai acabar, mas sim com o reforço do plantio nos pontos de venda dos traficantes.

uma tecnologia que surgiu com a internet tem um crescimento mais rápido e maior facilidade de acumular informações.

Colinas, crianças, podem passar em geral que tem um acesso contínuo a internet psicologicamente tem maior facilidade na aprendizagem, a tecnologia mudou todo o profissional de educação que não se adaptaram a nova realidade, que exigiu uma determinada aptidão.

## Aluno B2 - Texto 2

## O risco da Internet aos jovens

O jovem que não se deixa ser manipulado não sofre com as coisas ruins da vida online, pois se irá dedicar bem com o conhecimento e estudos feitos, já o ~~seu~~ jovem facilmente manipulado se deixa levar até pela escrita errada, o problema não é a internet, mas sim ~~de~~ o usuário.

## Aluno B3 - Texto 1

A liberação do mercado do macabro não poderia ser proibido, pois todo pessoa tem o direito de se expressar, mas o mercado em si que muito polêmico, pois, ele acaba fazendo apologia a droga.

Seu a favor da liberação do mercado, pois quem quer se expressar tem que buscar formas de como fazer isso, e isso foi uma delas. Mas não contro a liberação da droga, pois os países não vão conseguir ter controle para consumo e o governo controle de vendas. Mesmo com a liberação, ainda irá ter crimes e tráfico.

## Aluno B3 - Texto 2

## O Risco do Internet

Como qualquer coisa do mundo, a internet pode, ~~oferecer~~ oferecer riscos, se usada inadequadamente, mas se for usado de forma correta pode trazer inúmeros benefícios, como auxiliar a pessoa em pesquisas, mantê-lo informado de acontecimentos no mundo, interação social, etc.

A internet nos dá um amplo espaço de pesquisa, nos permitindo comparar ideias facilmente sem precisar sair de casa. Nos permite ter ideias de acontecimentos de outro canto do mundo.

## Aluno B4 – Texto 1

**Supremo libera Marcha da Maconha em todo o país**

ALUNO B4

A liberação da maconha causou tumulto no dia 16/06/2011, sendo ainda uma coisa inaceitável pela sociedade, o STF (Supremo Tribunal Federal), deixa "livre" a marcha da maconha, deixando claro que essas manifestações não seriam discriminadas pela polícia.

Essa decisão, impede que muitas autoridades do setor judiciário interdissesse qualquer dessas manifestações. Por muito tempo houve discussão no supremo tribunal, devido à polêmica liberação da erva, mas, deram ênfase para que não encoraje o uso da erva, muitos mestres da Universidade Federal do PR, apóiam a liberação da marcha, apenas crêem na liberdade de expressão, e que com essa arma nas mãos certas, as pessoas poderiam "conquistar" outras pessoas para que apóiem tal marcha. Segundo uma pesquisa que o jornal Gazeta do Povo fez a dois anos atrás, sobre a legalização da maconha, 80% das pessoas entrevistadas eram contra, 12% eram a favor e 8% não sabiam ou não quiseram declarar, e então vem aquela pergunta: "Será que legalizar a maconha vai diminuir o tráfico?", devido à estrutura de nosso país, entretanto, liberar a *cannabis* não seria uma boa idéia a seguir. Por isso, liberar a marcha, é um passo para a evolução do país, mas como todo pró, tem os contras, o Brasil não tem estrutura, e em muitos departamentos.

Então, enquanto não comprovarem para a maioria da sociedade que a planta poderá ser usada com bom senso, a marcha não a trará resultados positivamente significativos para os manifestantes.

## Aluno B4 - Texto 2

A Crise em nossas vidas

ALUNO B4

Atualmente, a internet é usada como um instrumento de lazer e de conhecimento, mas, o uso deste instrumento, mais é um risco, basta saber usá-la.

A exposição de "assuntos" inapropriados em quantidades ilimitadas é um bom exemplo de que as pessoas não sabem usar a internet. Este instrumento tem suas qualidades,

como: podemos fazer trabalhos escolares mais rápidos e com qualidade, para fazer uma apêndice escolar, podemos entrar no YouTube ou no Google, tirar fotos e vídeos, e até fazer uma boa introdução fazendo um uso correto deste "serviço". Mas, todo pros, há contras, e nisso, ~~há~~ a exposição exacerbada de materiais não adequados, sem qualquer estrutura ou conteúdo interessante e aproveitável.

Estamos em um tempo onde a internet significa tudo, seja na escola, em casa, nos próprios telefones celulares e outros dispositivos tecnológicos. Com isso expõem, aprenderemos mais - mais sobre a tecnologia, assim, podemos aprender o modo certo de se usar esse vale de computadores,

fazendo com que não só mudemos o modo de ver o mundo fisicamente, como "tecnologicamente".

### Aluno B5 - Texto 1

#### Legalização da Maconha

Segundo a leitura do texto "Supremo vota no Mancha da Maconha" publicado em 19 de Abril de 2011, na página do povo não há evidências que a liberação dos produtos droga beneficiem a quem, em contrariedade de alguns países onde os produtos já foram liberados no Brasil não possui estrutura nem human para poder delegar uma droga, com se desenvolver esse mesmo país para se ver com uma droga e volta a argumentar que esse país não vai ficar

### Aluno B5 - Texto 2

#### Jovens na Rede

A internet faz mal para a formação dos jovens? Será? A internet é um ótimo instrumento de conhecimento, onde o jovem pode ter contato com tudo o que ocorre no Brasil e no mundo. Ao ser bem utilizada e com o acompanhamento dos pais pode ser utilizada também como fonte de pesquisas escolares. A internet está se tornando cada vez mais popular e cada vez mais pessoas podem ter esse instrumento em mãos.

### Aluno B6 - Texto 1

#### A Liberação

De acordo com os fatos apresentados no texto "Supremo libera Mauna da Malenka em todo o país" de Gabriel de Azevedo, publicado no jornal Gazeta do Povo, acredito que a liberação foi uma decisão correta.

Pouco as pessoas em nosso país que tem um desejo expresso e dizer o que realmente precisa mudar, mesmo que nossos governantes acreditem que a liberação não irá acontecer.

Mas com a liberação da Mauna da Malenka não significa que a liberação da Mauna deverá acontecer.

### Aluno B6 - Texto 2

#### Confiar ou não confiar

A internet realmente pode ser perigosa para alguns jovens, pois nem tudo que está na internet é confiável e podemos considerar como correto.

Para procurar alguma notícia na internet, devemos um sites consideradas confiáveis, pois muitas informações não são falsas e não tem nenhuma referência.

utiliza.

Mas ela pode ajudar muito também, pois a internet é uma fonte com várias informações podendo ajudar os jovens em trabalhos e no conhecimento, e às vezes um mesmo lugar estamos aprendendo.

É valendo como procurar nos jovens podemos aprender muito, pois conhecimento é algo que ninguém nos tira e também é isso um mais preciso, portanto aprender a procurar informações escritas na internet é algo que todos os jovens devem saber.

ALUNO B6